



KAINÃ DOS SANTOS

**AS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E SEU
IMPACTO NA MISSÃO DEI**

IJUÍ

2021

KAINÃ DOS SANTOS

**AS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E SEU
IMPACTO NA MISSIO DEI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para cumprir as exigências da disciplina de Supervisão de Pesquisa do Curso de Bacharelado em Teologia, ministrada pela professora Dr^a. Marivete Zanoni Kunz.

Orientador: Esp. Francis Natan Martins

FACULDADE BATISTA PIONEIRA

IJUÍ

2021

FACULDADE BATISTA PIONEIRA

**AS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E SEU
IMPACTO NA MISSÃO DEI**

Autor: Kainã dos Santos

Orientador de Conteúdo: Esp. Francis Natan Martins

Avaliador de Forma: Dr. Josemar Valdir Modes

Avaliador de Português: Ma. Juliana Scheibner Dellafavera

Avaliador Final: Me. Ricardo Lebedenco

Aprovado em: __/__/__

IJUÍ

2021

RESUMO

A presente pesquisa apresentou uma análise a respeito da contribuição do uso de tecnologias de comunicação no contexto da missão de Deus. A comunicação é essencial para os objetivos evangelísticos do cristão, seja ela falada, escrita ou ilustrada, transmitida, compartilhada ou encenada. No princípio, o universo foi criado através da fala: uma comunicação divina. O homem foi criado também com a capacidade comunicativa – primariamente rudimentar – que evoluiu ao longo dos séculos e continua se transformando e modificando. As inovações de comunicação, como a escrita e a impressão por exemplo, trouxeram consigo novas oportunidades instrumentais para o cumprimento da Missio Dei, potencializando seu alcance, sua efetividade e seu dinamismo. Portanto, a pesquisa buscou fontes históricas nas quais novas tecnologias de comunicação fizeram seu papel de impactar o anúncio do evangelho, desde o período bíblico até a Idade Média e Moderna, com o objetivo de mostrar como as tecnologias de comunicação atuais – com protagonismo ao advento da internet – continuam sendo ferramentas essenciais para a realização da Missio Dei.

Palavras-chave: Comunicação. Missio Dei. Tecnologia.

ABSTRACT

The present research showed an analysis of the contribution of the use of communication technologies in the context of God's mission. Communication is essential to the Christian's evangelistic goals; whether it is spoken, written or illustrated, broadcast, shared or enacted. In the beginning the universe was created through speech: a divine communication. Man was also created with the communicative capacity – primarily rudimentary – which evolved over the centuries and continues to transform and change. Communication innovations, such as writing and printing, for example, brought with them new instrumental opportunities for fulfilling the Missio Dei, enhancing its reach, effectiveness and dynamism. Therefore, the research sought historical sources where new communication technologies played their role in impacting the proclamation of the gospel, from the biblical period to the Middle and Modern Ages, in order to indicate how current communication technologies – with a leading role in the advent of Internet – continue to be essential tools for the realization of Missio Dei.

Keywords: Communication. Missio Dei. Technology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
I AS CONTRIBUIÇÕES DA COMUNICAÇÃO NO MUNDO BÍBLICO.....	9
1.1 A comunicação na história bíblica do Antigo Testamento.....	10
1.1.1 Gênesis: o Deus que criou a comunicação.....	14
1.1.1.1 A queda no jardim.....	14
1.1.1.2 A confusão de línguas na Torre de Babel	15
1.1.2 As Leis: o Deus que intervém na história de seu povo	15
1.1.2.1 A vontade de Deus revelada ao povo.....	16
1.1.2.2 A observância da Lei sendo retomada.....	17
1.1.3 Os profetas: o Deus que usou comunicadores.....	18
1.2 A comunicação na história bíblica do Novo Testamento	21
1.2.1 Jesus: seu ministério e sua didática comunicacional	23
1.2.2 João e Paulo aos gregos: comunicação para um contexto	24
1.2.2.1 João e o Logos.....	25
1.2.2.2 Paulo em Atenas	27
1.2.3 As cartas de Paulo: uma tecnologia de comunicação facilitando missões.....	27
1.3 O impacto da comunicação na Missio Dei bíblica.....	29
II A RELEVÂNCIA DA COMUNICAÇÃO NA REFORMA PROTESTANTE.....	33
2.1 A comunicação das Escrituras no período pré-impressão na Europa	33
2.1.1 Linguagens: do grego ao latim	34
2.1.2 A escrita: dos primeiros séculos do cristianismo até Gutenberg.....	35
2.2 A invenção da Imprensa de Gutemberg: a revolução das cópias	36
2.2.1 A invenção em 1450.....	37
2.2.2 A evolução comunicacional na Europa no século XV ao XVIII	37
2.3 O impacto da Imprensa de Gutemberg na propagação da Reforma Protestante	39
2.3.1 A Reforma Protestante	40
2.3.1.1 Tentativas de reforma interna na Igreja Católica antes de Lutero	42
2.3.1.2 O início da Reforma Protestante por Lutero	42
2.3.1.3 Demais reformadores na Europa	44
2.3.2 O uso da Imprensa de Gutemberg pelos reformadores	45

2.3.3 Resultados da estratégia de comunicação usada pelos reformadores e seus desafios.....	46
III AS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO CONTEMPORÂNEAS E SEU IMPACTO NA MISSIO DEI ATUAL.....	49
3.1 As tecnologias de comunicação contemporâneas: de Gutemberg à Internet..	49
3.1.1 Tecnologias de comunicação do início da Idade Moderna ao século XX	50
3.1.2 A internet e a comunicação globalizada	55
3.2 A pandemia do novo coronavírus e a Igreja online	58
3.2.1 A igreja e as tecnologias de comunicação usadas durante a pandemia	59
3.2.2 Igreja on-line na pós-pandemia: oportunidades e desafios	60
3.3 O uso das novas tecnologias de comunicação do século XXI na Missio Dei.....	62
3.3.1 Exemplos de projetos missionários atuais.....	63
3.3.1.1 Cinema e YouTube	63
3.3.1.2 Website e aplicativos	64
3.3.1.3 Podcast.....	65
3.3.1.4 Ensino teológico à distância	66
3.3.2 Recomendações finais	67
CONCLUSÃO	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70

INTRODUÇÃO

Olhando para as evoluções tecnológicas na história humana, é possível observar como a comunicação tem passado por transformações. Essas transformações são, normalmente, benéficas para a sociedade e contribuem para o cumprimento de objetivos. Neste sentido, qual foi o impacto dessas tecnologias no passado e qual o papel das tecnologias de comunicação contemporâneas no cumprimento da Missio Dei?

Esta pesquisa se propõe a ser uma análise do impacto do uso de tecnologias de comunicação na Missio Dei, tomando como base a maneira como as invenções do passado, tanto no mundo bíblico quanto na Idade Média e Moderna, auxiliaram no cumprimento da missão da Igreja. Desta forma, a pesquisa se deterá em fazer um paralelo entre estas tecnologias de comunicação do passado e as tecnologias de comunicação contemporâneas oriundas da invenção da Internet e, assim, analisar de que forma essas tecnologias auxiliam no avanço e no exercício da Missio Dei atual.

O assunto despertou o interesse do pesquisador por ele trabalhar ministerialmente com comunicação na Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil desde agosto de 2018, nos âmbitos eclesiástico e missional, e também após uma conversa com o professor Gabriel Lauter, o qual apresentou a invenção da Imprensa de Gutemberg como uma tecnologia de comunicação que impulsionou a Reforma Protestante em 1500 d.C. Ao perceber que tecnologias de comunicação atuais podem contribuir com o avanço da Missio Dei - como contribuiu no passado - o pesquisador foi instigado a pesquisar de que forma pode acontecer essa contribuição, e quais seus efeitos no Reino de Deus e no mundo.

Portanto, no primeiro capítulo se fará um esforço para construir uma teologia da comunicação, em que se observará nos textos bíblicos do Novo ao Antigo Testamento, a comunicação e suas principais características. Também, termos como Missio Dei e tecnologia serão apresentados e desenvolvidos. Já no segundo capítulo, será feito o processo de análise, coleta e apresentação de informações a respeito do papel da comunicação na história da Reforma Protestante, a partir da invenção da Imprensa de Gutenberg. Finalmente, no terceiro capítulo serão apresentados exemplos contemporâneos de tecnologias de comunicação desenvolvidos para uso na Missio Dei, analisando-se, por fim, o impacto destas tecnologias no exercício da Missio Dei.

I AS CONTRIBUIÇÕES DA COMUNICAÇÃO NO MUNDO BÍBLICO

A comunicação só é possível porque, como Packer afirmou, “o Deus a quem adoramos é um Deus que fala.”¹ Aliás, Deus é revelado na Bíblia como o Deus verdadeiro por conta da sua capacidade comunicativa (Gn 1.1-3)², pois, segundo Beale, “um deus que não fala é uma fraude”.³ A capacidade comunicativa de Deus se torna evidente na comparação que o salmista faz de *Yahweh*⁴, o Deus de Israel, com os ídolos pagãos: “têm boca, mas não podem falar. [...] e não emitem som algum com a garganta.” (Sl 115.5a-7b)⁵. A ausência do fator comunicativo - ou seja, falar e emitir som - evidencia a caracterização feita aos ídolos. Infere-se que *Yahweh* possua o oposto das características comunicativas atribuídas aos falsos deuses: Ele tem boca para falar e garganta para emitir som com a finalidade de se comunicar com seu povo.⁶

Decorrente disso, a qualidade de comunicação divina é a base para o relacionamento de Deus com o seu povo, uma vez que, de acordo com Palmer, “Deus fala para estabelecer sua aliança”.⁷ Porém, esta comunicação com os seres humanos não é feita de forma que se torne ininteligível. Segundo Won, “quando fala, de forma geral, *Yahweh* o faz de maneira que os seres humanos possam entender o que está sendo transmitido.”⁸ Deus, para que fosse entendido, escolheu falar adequando a sua mensagem eterna às limitadas condições humanas. Ainda de acordo com Won:

o ato comunicativo de Deus, ao se acomodar às limitações humanas, revela graça de trazer o conhecimento de si mesmo – uma revelação cujo teor está infinitamente acima da capacidade do entendimento humano – de forma inteligível (cf. Dt 30.14). Os desígnios eternos de Deus são descortinados a seres humanos mergulhados em limitações, que vão desde a sua própria

¹ PACKER, J. I. **Knowing God**. Downers Grove: IVP, 1993. p. 109.

² WON, Paulo. **E Deus falou na língua dos homens**: uma introdução à Bíblia. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 25.

³ BEALE, G. K. **We Become What We Worship**: A Biblical Theology of Idolatry. Downers Grove: IVP, 2008. p. 142-143.

⁴ Comumente se vê na tradução portuguesa da Bíblia o nome divino traduzido por “SENHOR”, que no original hebraico é YHWH (ou *Yahweh*, com duas vogais para facilitar a pronúncia), denominado “o Tetragrama sagrado”, que ocorre cerca de 6.828 vezes no texto massorético. Este é, portanto, o nome específico de Deus. Foi considerado pelos rabinos como o “grande e temível nome, o inefável nome”, por causa de sua santidade, fato que fez a original pronúncia desaparecer ao longo dos séculos, obliterando também muito de seu significado. Ver mais em SHIGUEMOTO, S.; SIQUEIRA, R. W. **YHWH**: a identidade do Deus de Israel. São Paulo: Revista Kerygma, Unasp, 2011. p. 69-85.

⁵ THOMAS NELSON BRASIL. **Sua Bíblia**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. p. 534.

⁶ WON, 2020, p. 25-26.

⁷ ROBERTSON, O. Palmer. **O Cristo dos Pactos**. São Paulo: Cultura Cristã, 2018. p. 15.

⁸ WON, 2020, p. 26.

capacidade cognitiva até elementos fora dele, como o fator tempo, os contextos social, histórico e político, entre outros.⁹

Em resumo, Deus não usou uma linguagem “celestial” para se comunicar com o ser humano, mas se revelou com uma linguagem acessível e inteligível a seres humanos que viveram dentro de contextos específicos, falavam línguas específicas e que possuíam uma cosmovisão¹⁰ específica. Assim, a possibilidade do desenvolvimento de diálogo e relacionamento entre as partes se torna existente.¹¹

O registro dessa graça comunicativa está presente na Bíblia Sagrada. A Bíblia explica como um Deus, que é espírito, relaciona-se com pessoas inseridas em contextos reais. Como afirma Bavinck, “a Bíblia é a palavra de Deus em linguagem humana”.¹² Aproveu a Deus falar a língua dos homens, a saber o hebraico e o aramaico no contexto do Antigo Testamento, e o grego e o aramaico no Novo Testamento. Sendo assim, Deus fez uso dos contextos culturais, políticos e tecnológicos dos humanos com a finalidade de comunicar sua perfeita mensagem.¹³

1.1 A comunicação na história bíblica do Antigo Testamento

O conteúdo da Palavra de Deus passou por diversas formas de transmissão, a saber: a transmissão oral e a transmissão escrita.¹⁴ No Antigo Testamento, o discurso oral é a forma predominante pela qual Yahweh se comunicava com seu povo. Nos estágios iniciais, Yahweh expressava sua vontade através de discurso direto com os homens, isto é, palavra audível, como pode ser observado na primeira vez em que Deus comunicou-se com o ser humano criado (Gn 1.28). Segundo Miller:

No princípio não havia a palavra escrita. Havia somente uma palavra falada, e, conforme registrado posteriormente no livro de Gênesis, Deus criou o universo falando a palavra no vazio. Os primeiros adoradores de Deus não podiam escrever os pensamentos sobre Deus ou as suas experiências com ele, mas podiam falar a respeito dele e, isso, eles fizeram. Muito antes de terem inventado o seu próprio sistema linguístico, e mesmo depois de sua

⁹ WON, 2020, p. 26.

¹⁰ Com *cosmovisão* refere-se simplesmente à visão de mundo dos antigos habitantes do Antigo Oriente Próximo, e não propriamente à definição filosófica de *Weltanschauung* utilizado a partir de meados do século XVIII.

¹¹ BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada: Prolegômena**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002. p. 404.

¹² BAVINCK, 2002, p. 389.

¹³ WON, 2020, p. 19.

¹⁴ WON, 2020, p. 29.

invenção, os hebreus contavam e recontavam suas histórias, muitas das quais foram posteriormente registradas na Bíblia.¹⁵

Foi por meio da transmissão oral que se construiu a forma inicial de comunicação da Palavra revelada de Deus, e que nada mais é do que o antigo costume consolidado de contar histórias e narrativas para repassar os relatos de pessoa a pessoa, de geração a geração (Sl 44.1; Dt 11.19). Porém, neste método de comunicação oral, a própria limitação humana em se lembrar daquilo que lhe foi transmitido e, logo, comunicar eficazmente a outrem a mensagem recebida, se torna um risco. De acordo com Won, “ainda que a capacidade dos antigos em memorizar textos e reproduzi-los com fidelidade era grande, sempre há um risco de inconsistência.”¹⁶

Enquanto os hebreus passavam a sua cultura adiante de boca em boca, os primeiros sistemas de escrita do mundo estavam entrando em uso. Na Mesopotâmia, onde Abraão recebeu o chamado de Yahweh (Gn 11.31), uma nova tecnologia de comunicação estava sendo usada.¹⁷ Os mesopotâmicos foram os primeiros a desenvolver uma forma de escrita, hoje conhecida como *cuneiforme*, usando caracteres na forma de cunha, os quais foram escritos sobre a argila ou argamassa com um instrumento pontudo.

Segundo Bottéro, “a escrita surgiu a partir da criação de um sistema memorizador, com cada símbolo representando atividades ou atitudes ligadas a ele. Um pé, por exemplo, poderia significar deslocamento ou transporte.”¹⁸ A criação dessa escrita ocorreu entre 3000 e 3500 a.C.¹⁹ Além da escrita, os mesopotâmicos acabaram desenvolvendo uma série de técnicas e tecnologias de comunicação usadas até hoje, como sistemas numéricos - especialmente para contagem do tempo - e códigos legais.²⁰

Em um período muito próximo ao da criação da escrita cuneiforme, foi no Egito, onde os descendentes de Jacó trabalhavam como escravos (Êx 1.13), que outra forma de escrita se desenvolveu: a *hieroglífica*.²¹ Diferente dos escritos cunhados, os hieróglifos eram símbolos

¹⁵ MILLER, Stephen N. e HUBER, Robert V. **A Bíblia e sua história: o surgimento e o impacto da Bíblia**. Barueri: SBB, 2006. p. 12.

¹⁶ WON, 2020, p. 30-32.

¹⁷ MILLER e HUBER, 2006, p. 14.

¹⁸ BOTTÉRO, Jean. A escrita e a formação da inteligência na Mesopotâmia Antiga. In: BOTTÉRO, Jean; MORRISON, Ken (orgs.). **Cultura, pensamento e escrita**. São Paulo: Átila, 1995. p. 9-46.

¹⁹ REINKE, André. **Os outros da Bíblia: história, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019. p. 47.

²⁰ REINKE, 2019, p. 45.

²¹ MILLER; HUBER, 2006, p. 14.

desenhados e entalhados em pedra. O hieróglifo foi bastante utilizado em textos gravados nas paredes de templos, túmulos e estelas reais no Egito.²²

Com o tempo, os egípcios desenvolveram a fabricação do papiro, uma espécie de papel produzido a partir de uma planta aquática abundante no Rio Nilo, o *Cyperus papyrus*. Cerny explica o processo de fabricação do papiro, quando diz que os “talos eram abertos e espalhados em forma cruzada. Uma vez secas, as folhas ficavam unidas e maleáveis, resultando em um suporte liso e estável no qual se escrevia com um pincel fino de junco.”²³ Como era mais leve e maleável do que as tábuas de argila da Mesopotâmia, o papiro foi largamente exportado por todo o Mediterrâneo e usado até o século VIII d.C.

Na opinião de Reinke, “a invenção da escrita permitiu que os conhecimentos fossem divulgados, discutidos e aprendidos, mesmo a distância. Tornou possível aprender algo por meio de ‘livros’ [...] e sem a presença de um mestre.”²⁴ Como evolução comunicacional, a transmissão escrita possibilitou que as informações pudessem ser transmitidas de geração em geração de forma fidedigna, precisa e consistente.²⁵

Porém, não foi com os mesopotâmicos e nem com os egípcios que o povo hebreu aprendeu a tecnologia de comunicação escrita, mas sim com os cananeus. Uma das maiores contribuições que os cananeus deram ao mundo foi a invenção da escrita alfabética. Antes, a escrita ideográfica desenhava um símbolo para cada palavra (expressando ideias, objetos, etc); depois, a escrita silábica representava sílabas pelas iniciais de objetos cotidianos. Mesmo sendo a escrita silábica mais simples, ela ainda mantinha certa complexidade, pois necessitava de cerca de 300 sinais gráficos.²⁶

Foram os cananeus que simplificaram todos os sinais gráficos da escrita silábica, isolando as vocalizações e combinando-as para a formação das palavras na forma como são faladas. Com isso o número de sinais escritos foi reduzido ao mínimo, a saber, 22 letras.²⁷ Os resultados dessa invenção são apresentados por Cerny:

Por conta de sua simplicidade, essa escrita difundiu-se amplamente, produzindo muito mais escritores entre gente simples. O conhecimento não

²² CARDOSO, Ciro Flamarion. **O Egito Antigo**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 93-94.

²³ CERNY, J. Linguagem e escrita. In: HARRIS, J. R. (Org.). **O legado do Egito**. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 224-229.

²⁴ REINKE, 2019, p. 47-48.

²⁵ WON, 2020, p. 32.

²⁶ ROGERSON, John. **Terras da Bíblia**. Barcelona: Folio, 2006. p. 16.

²⁷ REINKE, 2019, p. 133.

era mais exclusivo dos escribas treinados, e esse fato representou uma verdadeira democratização da escrita.²⁸

Assim, quando os hebreus chegaram a Canaã, puderam fazer uma adaptação direta do alfabeto cananeu para o hebraico, uma vez que eram línguas muito semelhantes, pertencentes ao tronco linguístico chamado de *semita ocidental*.²⁹ Waltke e O'Connor explicam a origem do hebraico: "O hebraico faz parte da família das línguas *semíticas*, que, por sua vez, faz parte da superfamília de línguas *afro-asiáticas*. Dentro da família semítica, temos duas ramificações: a oriental e a ocidental."³⁰ É dentro da divisão semítica ocidental que está localizada a língua hebraica e a aramaica.

A evolução de tecnologias de comunicação é observada na própria escrita dos textos bíblicos. Segundo Brotzman, os primeiros registros bíblicos "foram escritos em *proto-hebraico* e registrados em tábuas de argila (escrita cuneiforme), placas de metal, tábuas de pedra, óstraco (fragmento de cerâmica) e, posteriormente, em papiro e pergaminho."³¹ O pergaminho³² - que consiste na escrita sobre folhas feitas de couro animal tratado (ovelha, bode, etc.) - surgiu quando, pela rápida deterioração das folhas de papiro, necessitou-se de um material mais durável para comunicação.³³

Além da escrita, é possível observar também a evolução das línguas e suas variações oriundas das culturas. Como toda a forma de linguagem humana, os tempos e os contextos exercem influências que modificam a linguagem de um período para outro. O hebraico sofreu diversas mudanças em termos fonológicos, lexicais, morfossintáticos, principalmente no contato com outras línguas, desde a de seus vizinhos mais próximos até a dos dominadores babilônicos e persas, no tempo exílico, gregos e romanos, no pós-exílio.³⁴

Como exemplo de evolução linguística, o hebraico falado por Moisés durante a Idade do Bronze Tardia (1400-1200 a.C.)³⁵, o *paleo-hebraico*, era diferente do falado por Davi no

²⁸ CERNY, J, 1993, p. 223-224.

²⁹ MILLER; HUBER, 2006, p. 16.

³⁰ WALTKE, Bruce K. e O'CONNOR, M. **Introdução à sintaxe do hebraico bíblico**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. p. 5.

³¹ BROTZMAN, Ellis R. e TULLY, Eric J. Eric J. **Old Testament Textual Criticism: A Practical Introduction**. 2.ed. Grand Rapids: Baker Academic, 2016. p. 12-33.

³² Os mais importantes manuscritos bíblicos escritos a partir do século IV e a maioria dos textos escritos em pergaminhos, cujos textos e fragmentos são mantidos até hoje em um bom estado de conservação. Ver mais em: BROTZMAN, 2016. p. 12-33.

³³ WON, 2020, p. 35.

³⁴ HENDEL, Ronald e JOOSTENI, Jan. **How Old is the Hebrew Bible: A linguistic, Textual, and Historical Study**. New Haven: Yale University Press, 2018. p. 11-30.

³⁵ WALTKE; O'CONNOR, 2006, p. 3.

tempo do reino unificado, quatro séculos depois.³⁶ Já no período pós exílico, apresenta-se um hebraico com influência das línguas dos povos dominadores, principalmente do aramaico.³⁷ Essas evoluções de comunicação serão observadas a seguir, delimitando-se a alguns períodos específicos do Antigo Testamento.

1.1.1 Gênesis: o Deus que criou a comunicação

Como já visto, Yahweh se revelou como um ser comunicador e capacitou a humanidade criada a sua imagem e semelhança (Gn 1.26-28) com capacidades comunicativas, para tanto se relacionarem entre si, quanto com o seu Criador.³⁸ Porém, anteriormente a isso, Yahweh utiliza da comunicação para criar o universo. É possível observar no relato do primeiro capítulo de Gênesis, cada objeto sendo criado no vazio a partir da expressão: “Disse Deus”.³⁹ É possível observar na criação da luz, por exemplo, uma simples vocalização “Haja luz”, com poder de criação “e houve luz” (Gn 1.3).

Logo após criar o universo e a humanidade, Deus determinou que homem e mulher tenham domínio sobre toda a natureza (Gn 1.26), e os colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar (Gn 2.15). Há, portanto, um propósito divino para a humanidade em relação a criação: ela deve atuar conforme a imagem de Deus – dominando e transformando o ambiente com criatividade e dedicação, criando assim cultura.⁴⁰ Cultura, segundo González, é, “em essência, o modo pelo qual um grupo humano qualquer se relaciona entre si e com o ambiente circundante.”⁴¹ Porém, o mau uso da cultura pode resultar em problemas.⁴² Abordar-se-á, portanto, dois exemplos do descumprimento do mandado cultural, considerando suas resoluções.

1.1.1.1 A queda no jardim

Embora Yahweh tenha dado ao homem o domínio sobre o mundo criado, Ele também impôs um limite. Este limite aparece na forma de uma árvore: “Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não coma, pois do dia que dela comer, terá que morrer” (Gn

³⁶ WON, 2020, p. 83.

³⁷ KAUTZSCH, E. *Gesenius' Hebrew Grammar*. Mineola: Dover, 2006. p. 8-17.

³⁸ FERNANDES, Tomé A. *Igreja, missão e missões*. Rio de Janeiro: UFMBB, 2014. p. 17.

³⁹ MILLER; HUBER, 2006, p. 12.

⁴⁰ REINKE, 2019, p. 30.

⁴¹ GONZÁLEZ, Justo L. *Cultura & Evangelho: o lugar da cultura no plano de Deus*. São Paulo: Hagnos, 2011. p. 37.

⁴² GONZÁLEZ, 2011, p. 60.

2.17).⁴³ Porém, o homem escolheu desobedecer e transpassar o limite estipulado por Yahweh. De acordo com Fernandes, “a missão de Deus em Gênesis 1 e 2 foi de transformar o caos em cosmos. O pecado transformou o cosmos em caos.”⁴⁴ Isso acontece por causa da queda, presente no capítulo 3 de Gênesis. No ato de comer da árvore proibida, a humanidade rejeitou a autoridade de Deus e passou ela mesma a definir o que considerava bom ou mau.⁴⁵

O pecado distorceu a criação de Deus e a amizade entre Criador e criatura. Contudo, Deus é um ser relacional e tomou a iniciativa de resgatar a humanidade. Isso acontece quando Yahweh faz uso da sua graça comunicativa novamente ao se aproximar do casal para um novo diálogo, e nele a redenção é introduzida em forma de castigo e bênção (Gn 3.8-13).⁴⁶

1.1.1.2 A confusão de línguas na Torre de Babel

O capítulo 11 de Gênesis é chamado de “o começo das nações”⁴⁷. É neste capítulo que uma grande torre, conhecida como Babel, seria levantada com o objetivo de alcançar os céus e trazer fama aos homens que a construíram. Porém, este empreendimento foi contra o propósito cultural de Yahweh para que a humanidade se espalhasse e multiplicasse pela terra. Reinke explica este acontecimento, quando fala que a humanidade:

descumpriu esse propósito na construção da Torre de Babel (Gn 11), quando decidiu ficar no mesmo lugar e construir uma torre para alcançar os céus, ou seja, glorificar seu próprio poder empreendedor. A ação divina de confundir as línguas teve duplo viés de castigo e bênção, pois impediu o propósito humano (o castigo), mas obrigou a retomada da ordem de espalhar, multiplicar e produzir cultura por todo o mundo (a bênção de Deus).⁴⁸

Novamente a resolução de Yahweh traz castigo e bênção. Como impedimento da sequência da construção da Torre de Babel, Yahweh confundiu a língua dos homens que a construíam, ou seja, em outras palavras, Yahweh criou diversas novas línguas, e as distribuiu com o objetivo de produzir cultura e cumprir seu propósito de encher a terra.⁴⁹ Tanto na criação como na confusão, Deus fez uso da comunicação para cumprir seus desígnios.

1.1.2 As Leis: o Deus que intervém na história de seu povo

⁴³ REINKE, 2019, p. 31.

⁴⁴ FERNANDES, 2014, p. 20.

⁴⁵ REINKE, 2019, p. 31.

⁴⁶ FERNANDES, 2014, p. 21-22.

⁴⁷ FERNANDES, 2014, p. 15.

⁴⁸ REINKE, 2019, p. 30-31.

⁴⁹ REINKE, 2019, p. 31.

É comum das nações terem sua constituição. Essa constituição rege todo o sistema político e judicial de um povo. É referência para que haja uma organização em torno de leis e instituições no país.⁵⁰ Estes agrupamentos de leis estipuladas em concordância por uma comunidade aparecem já em povos muitos antigos. Segundo Won, a Babilônia, também chamada de civilização *paleo-babilônica* (2004-1595 a.C.), desenvolveu um sistema de leis baseados em uma legislação punitiva, que ficou conhecido como o *Código de Hamurabi* (1810-1750 a.C.).⁵¹ Outros povos do Antigo Oriente Próximo também produziram documentos legais que se assemelham a um conjunto de leis, preceitos, regras e ou diretrizes. Um destes povos é o povo hebreu. Aliás, a Lei dos hebreus muito assemelha-se com o próprio Código de Hamurabi dos Mesopotâmicos.⁵²

Segundo Hill e Walton, a Lei dos hebreus com Yahweh assemelhava-se às alianças suseranas do mundo antigo, onde as alianças de suserania eram outorgadas por senhores ou povos mais poderosos a vassallos - povos ou pessoas menos fortes - garantindo-lhes certos benefícios, dentre os quais, proteção. Em troca dos benefícios, o vassallo era obrigado a cumprir condições específicas, como trabalho ou força de combate ao seu suserano.⁵³ Nesta comparação, Yahweh é o suserano, os hebreus os vassallos, e a Lei a aliança (Êx 20-24). Para observação desta Lei, abordar-se-á a Lei no período do Êxodo e conquista da Terra Prometida, e mais tarde, no período pós-exílico.

1.1.2.1 A vontade de Deus revelada ao povo

A Lei foi dada ao povo de Israel após sua saída do Egito no episódio do Êxodo. Foi no Monte Sinai que Yahweh traçou a origem da sua aliança com Israel. Este episódio revela de que modo, após a entrada desse povo na terra de Canaã, eles deveriam se relacionar com Deus.⁵⁴ De acordo com Peter Vogt:

“Quando, mais tarde, a Lei foi dada no Sinai, não foi entregue como meio de estabelecer um relacionamento com Deus (visto que os israelitas já estavam em relacionamento com Yahweh), mas como um meio de viver um relacionamento com um Deus Santo, que estaria no meio do seu povo.”⁵⁵

⁵⁰ FERNANDES, 2014, p. 40.

⁵¹ WON, 2020, p. 123.

⁵² REINKE, 2019, p. 66.

⁵³ HILL, Andrew E. e WALTON, John H. **Panorama do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Acadêmica, 2012. p. 59.

⁵⁴ WON, 2020, p. 147.

⁵⁵ VOGT, Peter. **Interpretação do pentateuco**: Um prático e indispensável manual de exegese. São Paulo: Cultura Cristã, 2015. p. 26.

É nesse contexto que pode-se constatar a primeira evidência de transmissão escrita dentro do povo hebreu na Bíblia. Quem a faz é o próprio Yahweh, ou seja, ele mesmo escreveu os seus mandamentos nas duas tábuas de pedra dadas a Moisés no Monte Sinai (Êx 31.18). Vem de Yahweh o primeiro registro de escrita no texto bíblico do Antigo Testamento. Posteriormente, Ele ordena que o conteúdo total da Lei fosse escrito, preservado e transmitido como tal para o povo e suas gerações (Dt 31.9-13).⁵⁶

As Leis, de acordo com Hill e Walton, podem ser divididas em: Leis cúlticas - organizam a prática religiosa centrada no tabernáculo e, mais tarde, no templo; Leis civis - regulam a sociedade e as relações interpessoais; e Leis cerimoniais - relacionam-se às regras de santidade moral no cotidiano do povo.⁵⁷ Dentre elas incluem, segundo Fee e Stuart, os Dez Mandamentos (Ex 20), o Livro da Aliança (Ex 21-23) e as introduções referentes a construção e funcionamento do tabernáculo (Ex 25-31).⁵⁸

Através da Lei, Yahweh comunicava a sua vontade e seus caminhos ao povo de Israel neste período inicial de povo independente, fora da suserania egípcia. Outro aspecto interessante neste período é a comunicação direta de Deus por meio de sinais e maravilhas visíveis, como por exemplo, a abertura do Mar Vermelho (Êx 14) e do Rio Jordão (Js 3). Segundo Won, “há uma necessidade de o Deus Salvador de Israel se manifestar de forma incontestável para dar início a um relacionamento pactual que envolva todo o povo.”⁵⁹

1.1.2.2 A observância da Lei sendo retomada

Pode-se, segundo a obra de Gesenius, dividir a evolução do hebraico bíblico em dois momentos. O primeiro constitui-se no hebraico usado até o exílio babilônico. O segundo momento, no período pós-exílico. Neste período, o povo que voltou do exílio já havia adotado o aramaico como língua cotidiana, enquanto o hebraico permaneceu apenas como a língua da prática religiosa e da tradição.⁶⁰ Davis explica essa rápida mudança, ao dizer que:

a língua que falavam sofreu uma influência duradoura. O aramaico, como língua franca no Antigo Oriente e vinculado aos impérios de assírios, babilônicos e persas, tornou-se a língua falada pelos judeus ainda no final do

⁵⁶ WON, 2020, p. 34.

⁵⁷ HILL; WALTON, 2012, p. 60.

⁵⁸ FEE, Gordon e STUART, Douglas. **Como ler a Bíblia livro por livro: um guia confiável para ler e entender as Escrituras Sagradas**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 26.

⁵⁹ WON, 2020, p. 159.

⁶⁰ KAUTZSCH, E. **Gesenius' Hebrew Grammar**. Mineola: Dover, 2006. p. 8-17.

reino de Judá, principalmente após o cativeiro. Jeremias já falava aramaico, e partes de Esdras e Daniel foram escritas nessa língua.⁶¹

Fica evidente este fato quando, no retorno do povo para Jerusalém depois do cativeiro, viu-se a necessidade de pessoas instruídas na Lei, como Esdras, não somente para lerem a Lei ao povo, mas também para interpretar o significado real das palavras por meio da tradução (Ne 8).⁶² A leitura da Lei Mosaica neste episódio gerou um quebrantamento no povo, ao perceberem que estavam vivendo fora dela. A partir desta capacidade comunicativa de Esdras na leitura e tradução, e também desta tecnologia de comunicação, a escrita, a Lei Mosaica tornou-se reguladora da vida de Judá novamente. Neste período, viu-se a valorização da Lei como forma de manter a identidade religiosa judaica. De acordo com Blomberg:

eles se valeram de textos bíblicos como 1 Samuel 15.22 - 'obedecer é melhor do que sacrificar' - e instituíram as orações de arrependimento e as boas obras como meios de expiação pelo pecado. Os judeus procuravam aplicar a Torá (Lei) a cada área da vida, de forma que um corpo de tradição oral – interpretação e aplicação – começou a crescer em torno da Lei escrita de Moisés, para explicar como implementar seus mandamentos nos novos tempos e lugares.⁶³

Neste momento nasceu o que veio a ser chamado de *judaísmo*. O judaísmo se constituiu em uma comunidade que se identificava pelos laços religiosos resultantes da observância da antiga Lei. A partir da experiência do exílio, ser judeu não era mais fazer parte de uma nação, e sim de um povo reunido em torno da fé comum. A Lei e o culto tornaram-se os pilares desta nova comunidade.⁶⁴

1.1.3 Os profetas: o Deus que usou comunicadores

À medida que o Antigo Testamento se desenrola, uma forma de falar divina ganha proeminência: Deus fala por meio de mensageiros escolhidos com palavras que eles proferem em línguas humanas comuns. Yahweh escolheu para si *profetas* que passaram a ter como tarefa principal transmitir fielmente sua vontade a Israel, ou àqueles a quem ele queria se dirigir - por exemplo, nações pagãs como no livro de Jonas.⁶⁵

⁶¹ DAVIS, John. **Yahweh and the Gods and Goddesses of Canaan**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2000. p. 105.

⁶² TOGNINI, Enéas. **O Período Interbíblico: 400 anos de silêncio profético**. São Paulo: Hagnos, 2009. p. 82.

⁶³ BLOMBERG, Craig L. **Introdução aos Evangelhos**. São Paulo: Vida Nova, 2017. p. 21.

⁶⁴ MAZZINGHI, Luca. **História de Israel das origens ao período romano**. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 123-126.

⁶⁵ WARD, Timothy. **Teologia da revelação**. São Paulo: Vida Nova, 2017. p. 39.

Faz-se necessário analisar a etimologia da palavra “profeta”. De acordo com Won, essa palavra é a transliteração do substantivo grego *prophétés*, que é constituído pelo prefixo preposicional *pro* (com dois sentidos: “antemão” ou “no lugar de”) e o verbo *phémi* (“dizer, falar”). Nesse sentido, “pro-feta” pode ser entendido de duas formas: aquele que fala por e em nome de Deus; e aquele que fala de antemão.⁶⁶ Portanto, nas palavras de LaSor, “profeta é tanto quem proclama como quem prediz; ambos os significados estão implícitos e são encontrados na Bíblia.”⁶⁷

Os profetas surgem a partir de Moisés. É neste período que o movimento profético ganha cada vez mais espaço no processo de revelação da vontade de Yahweh para o seu povo. Essa liderança profética sobre o povo de Israel fica evidente no chamamento de Josué, quando Yahweh fala a Moisés: “Levantarei do meio dos seus irmãos um profeta como você; porei minhas palavras na sua boca, e ele lhes dirá tudo o que eu lhe ordenar” (Dt 18.15-18).⁶⁸

O motivo pelo qual Yahweh começa a preferir essa forma de comunicação é pelo abandono da Lei e da aliança por parte de Israel. A idolatria e o relacionamento com as nações vizinhas causaram danos irreparáveis na vida religiosa, social, política e econômica de Israel. Assim, os profetas passaram a ser a “boca de Deus” e também a “mão divina” a intervir na história de seu povo. Nesse sentido, os profetas promoviam uma de duas atitudes: a reaproximação do povo perante Deus, por meio do arrependimento, ou o juízo derradeiro decorrente da desobediência.⁶⁹

De acordo com Nelson, havia um ciclo comum neste período dos profetas: crise - dominação estrangeira - decorrente do pecado; clamor a Yahweh por socorro; escolha de um juiz; libertação da opressão estrangeira; crise novamente, reiniciando o ciclo.⁷⁰ Este ciclo se repete muito claramente na história do povo de Israel durante o Antigo Testamento bíblico. De acordo com McGinnis, os profetas “abordaram as injustiças e as malfeitorias na

⁶⁶ WON, 2020, p. 186-187.

⁶⁷ LASOR, William S.; HUBBARD, David A. e BUSH, Frederic W. **Introdução ao Antigo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2012. p. 239.

⁶⁸ HOOKER, Morna D. **The signs of a Prophet: The Prophetic Actions of Jesus**. Londres: SCM Press, 1997. p. 2.

⁶⁹ WON, 2020, p. 175.

⁷⁰ NELSON, Richard D. “The Former Prophets and Historiography” em CHAPMAN, Stephen B. e SWEENER, Marvin A. (eds.). **The Cambridge Companion to the Hebrew Bible/Old Testament**. Cambridge: CUP, 2016. p. 225.

comunidade, fornecendo uma perspectiva divina sobre elas e alertando para a punição de Deus, caso o povo não se convertesse dos seus maus caminhos”.⁷¹

Além de serem porta-vozes da mensagem divina, os profetas também executaram atos miraculosos, envolvendo inclusive as forças naturais, e histórias de vida, como forma de comunicar a mensagem divina.⁷² Como fala Hooker:

desde Moisés, considerado o maior profeta, passando por Samuel e chegando a figuras poderosas como Elias e Eliseu, a mensagem profética foi comunicada também por meio de ações. [...] como elemento visual da mensagem que Yahweh estava querendo transmitir ao seu povo. [...] Em vez de apenas verbalizar a mensagem, é como se essa mensagem fosse dramaticamente encenada de modo a indicar, por meio de ações e atos, alguma realidade espiritual ou algo que haveria de acontecer no tempo futuro.⁷³

Um exemplo dessa ação simbólica é descrito no livro do profeta Oseias. O casamento dele com a prostituta Gômer é a comunicação de uma realidade espiritual maior: o relacionamento de Yahweh com o seu povo. Nesse caso, Oseias atua no papel de Deus e Gômer é a representação de Israel e sua rebeldia. Ou seja, a vida de Oseias tornou-se uma representação da própria mensagem profética.⁷⁴ Díaz fala sobre os benefícios deste tipo de profecia: “as palavras seriam as mesmas. A força expressiva, a capacidade de atrair a atenção do ouvinte, é muito maior na ação simbólica”.⁷⁵

Um fator importante a se considerar acerca dos profetas é que eles estavam convictos de que Yahweh os havia chamado com a finalidade estrita de comunicar sua mensagem ao povo. Observando a estrutura das profecias, o profeta sempre declarava a autoria de Yahweh sob a mensagem profetizada. Introduções como: “assim diz Yahweh”, “veio a palavra de Yahweh” e “Yahweh disse”, são abundantes.⁷⁶ De acordo com Díaz, “para os profetas era mais importante realçar a origem divina da palavra do que expressar a experiência subjetiva de ter recebido a palavra.”⁷⁷

⁷¹ MCGINNIS, Claire M. “The Scriptures of Israel (The Christian Old Testament)” em GORMAN, Michael J. (ed.). **Scripture and its Interpretation: A Global, Ecumenical Introduction to the Bible**. Grand Rapids: Baker Academic, 2017. p. 62.

⁷² WON, 2020, p. 175.

⁷³ HOOKER, 1997, p. 2-3.

⁷⁴ WON, 2020, p. 196.

⁷⁵ DÍAZ, José L. Sicre. **Introdução ao profetismo bíblico**. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 102.

⁷⁶ LASOR, 2012, p. 239.

⁷⁷ DÍAZ, 2016, p. 68.

Os profetas foram emissários importantes em todo o processo de comunicação e mediação da vontade de Yahweh no período do Antigo Testamento bíblico, sobretudo em tempos de crise, transmitindo a mensagem de maneira que o povo poderia entender, de forma audível, escrita ou, em alguns casos, performada.⁷⁸ Os profetas não foram homens perfeitos, aliás, segundo Reinke: “o Deus da Bíblia não seleciona aqueles que usa pelas qualidades morais ou espirituais.”⁷⁹ Mas foi também por meio deles que Deus se comunicou com seu povo e demais nações.

1.2 A comunicação na história bíblica do Novo Testamento

Parece não existir uma sequência lógica, ou cronologicamente coerente, entre o fim do Antigo Testamento e o começo no Novo Testamento no texto bíblico. É um testemunho silencioso de quase quatrocentos anos.⁸⁰ Durante esses quatro séculos, o mundo experimentou uma transformação causada pelo aparecimento e a desintegração do Império Grego-Macedônico. Não somente isso, a *helenização* oriunda deste Império causaria importantes mudanças dentro do contexto judaico, que mais tarde seriam refletidas nas narrativas do Novo Testamento.⁸¹

Depois dos retornos dos judeus do exílio babilônico já sob o domínio do Império Medo-Persa, Filipe II da Macedônia e Alexandre, o Grande, expandiram as fronteiras do Império Greco-Macedônico e posteriormente derrotaram os persas, impondo seu domínio sobre todo o Oriente Próximo. Nessa expansão, o aramaico deixou de ser a língua *franca*⁸², dando lugar ao grego.⁸³ Mesmo após a queda do Império Grego e a ascensão do Romano em 63 a.C., o grego se manteve como língua franca durante séculos.⁸⁴

Além do grande domínio cultural dos gregos nesta época, uma razão crucial pela qual o grego se tornou popular em todo Oriente Próximo foi o acréscimo de vogais que os gregos

⁷⁸ WON, 2020, p. 197.

⁷⁹ REINKE, 2019, p. 201.

⁸⁰ Embora fale-se de quatrocentos anos de silêncio profético, uma vez que nesse hiato temporal não houve nenhuma revelação de Deus registrada bíblicamente, não seria correto falar no silêncio da ação soberana de Deus na história. Deus fez-se notar nos bastidores desses quatro séculos. Ver mais em: WON, 2020, p. 230.

⁸¹ WON, 2020. p. 229-230.

⁸² Por “língua franca”, refere-se ao idioma adotado deliberadamente por um grupo multilíngue para fins de comunicação com diversos propósitos (político, econômicos, religiosos etc.).

⁸³ WON, 2020. p. 41.

⁸⁴ BOND, Helen K. “Political Authorities: The Herods, Caiphas, and Pontius Pilate” em KEITH, Chris e HURTADO, Larry (eds.). **Jesus among Friends and Enemies: A Historical and Literacy Introduction to Jesus in the Gospels.** Grand Rapids: Baker Academic, 2011. p. 220.

inseriram no alfabeto fenício, dos cananeus.⁸⁵ Neste contexto do Novo Testamento, os judeus, em sua maioria, não falavam mais o hebraico como língua corrente. Agora, a língua falada era o grego no seu dialeto comum *koiné*.⁸⁶ A língua grega faz parte da família linguística das indo europeias, região que se estende desde a Europa até partes da Ásia.⁸⁷ Segundo Lévêque:

os gregos falavam vários dialetos. Durante o Período Clássico, o dialeto grego ático (falado em Atenas) ganhou a primazia, dada a predominância da cidade sobre as demais. Esse dialeto foi a base essencial para a língua comum do povo, chamada *koiné*, a qual foi divulgada por Alexandre para todo o Oriente. Ao longo do tempo, o *koiné* foi sendo enriquecido com palavras de outras línguas (como o jônio) e simplificado, o que garantiu sua facilidade e amplitude universal. Com o apoio dessa língua, a cultura grega foi espalhada [...] entre as populações helenizadas dos povos conquistados por Alexandre, os quais também aprenderam a ler e escrever em grego.⁸⁸

Nesse contexto, a influência grega foi marcante na história da Igreja e da formação do Novo Testamento, pois o grego *koiné*, a língua franca falada em todo o Império Romano, facilitou a evangelização em todas as culturas. Essa colaboração fica ainda mais explícita ao considerar que todo o Novo Testamento foi escrito nessa língua. De acordo com Carson, Moo e Morris, “esse fato coloca o grego no mesmo patamar que o hebraico: ambos foram igualmente veículos da inspiração divina nas Escrituras. Deus se revelou em grego tanto quanto em hebraico.”⁸⁹

Abordando este aspecto comunicacional da língua grega, Blomberg fala que muitos judeus da Palestina na época de Jesus provavelmente eram “razoavelmente trilingües, com algum conhecimento do hebraico (limitado ao uso da literatura religiosa); do aramaico; e do grego, como a língua do comércio e das relações com as autoridades militares e políticas.”⁹⁰ Se por um lado Platão escreveu suas obras e falava com um grau de complexidade gramatical muito acima do que a maior parte dos gregos poderia entender, os personagens do Novo Testamento como Jesus, João e Paulo partem de uma motivação contrária: sua comunicação deveria ser de fácil entendimento para alcançar a maior quantidade de pessoas possíveis espalhadas pelo mundo mediterrâneo do século I.⁹¹

⁸⁵ LEVI, Peter. **A civilização grega**. Barcelona: Ediciones Folio, 2008. p. 67-69.

⁸⁶ WON, 2020, p. 41.

⁸⁷ WON, 2020, p. 93.

⁸⁸ LÉVÊQUE, Pierre. **O mundo helenístico**. Lisboa: Edições 70, 1987. p. 100-102.

⁸⁹ CARSON; MOO; MORRIS; 2006, p. 72-79.

⁹⁰ BLOMBERG, 2017. p. 25.

⁹¹ WON, 2020, p. 101.

1.2.1 Jesus: seu ministério e sua didática comunicacional

A história de Jesus nos Evangelhos é a história do próprio Yahweh encarnado, o Messias de Israel. Sua vida estava em total conexão com tudo o que outrora fora revelado no Antigo Testamento. O Novo Testamento, escrito majoritariamente no grego *koiné*, revela através dos evangelhos a revelação máxima da vontade redentora de Deus para com seu povo e para com o cosmos: Jesus Cristo de Nazaré.

Em seu ministério, que se deu efetivamente por 3 anos, encontra-se o uso de um meio de comunicação oral bem específico: as *parábolas*. Jesus, embora também usasse o sistema de sermões e discursos para comunicar sua mensagem, encontrou um ambiente propício para o uso de parábolas, que muito se prestavam para a instrução oral.⁹² Com elas, pôde comunicar efetivamente o seu Evangelho.⁹³ Segundo Martinez:

parábola é uma narração, mais ou menos extensa, de um acontecimento imaginário do qual, por comparação, se deduz uma lição moral ou religiosa. Etimologicamente, o nome *parabolê* corresponde ao verbo *paraballô*, que literalmente significa pôr ao lado, comparar. Em efeito, a parábola se caracteriza porque implica na comparação de objetos, situações ou atos bem conhecidos tomados da natureza ou da experiência com objetos ou atos análogos de tipo moral desconhecidos. Daqueles (a imagem) se deduzem estes (a realidade que se pretende ensinar). Imagem e realidade se encontram no *tertium comparationis* o ponto de comparação, comum a ambas.⁹⁴

Em resumo, Dodd explica que “a parábola é uma comparação tomada da natureza ou da vida diária, que atrai o ouvinte por seu brilho e singularidade e deixa a mente com certa dúvida sobre sua aplicação exata, de modo que a estimula a uma reflexão ativa.”⁹⁵ Jesus aproveitava a natureza (semente de mostarda, semeador, etc.), costumes familiares da vida diária (fermento, ovelha perdida, etc.), acontecimentos conhecidos da história da época (Lc 19.14), e até mesmo acontecimentos ocasionais (filho pródigo, trabalhadores na vinha, etc.) para explicar a sua mensagem de uma forma didaticamente criativa e eficaz.⁹⁶

⁹² KUNZ, Claiton André. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**. Curitiba: A.D. Santos, 2014. p. 9.

⁹³ FERNANDES, 2014, p. 72.

⁹⁴ MARTÍNEZ, José M. **Hermenéutica Bíblica**. Terrassa (Barcelona): CLIE, 1984. p. 451.

⁹⁵ DODD, C. H. **Las parábolas del Reino**. Tradução de Alfonso de La Fuente. Madrid: Cristiandad, 1974. p. 25.

⁹⁶ TASKER, In: DOUGLAS, J. D. (edit.) **O novo dicionário da Bíblia**. Tradução de João Bentes. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 1201.

Segundo Scholz, estima-se que um terço do ensino de Jesus se encontre na forma literária de parábola.⁹⁷ Apesar disso, Jesus não foi o inventor das parábolas, mas as aperfeiçoou. De acordo com Kunz, elas já existiam no Antigo Testamento e também na tradição rabínica, que usavam este método de ensino para explicar ou elucidar a Lei ou suas doutrinas. Todavia, a semelhança entre as parábolas de Jesus e as dos rabinos está apenas na forma, visto que Jesus as usava para ensinar novas verdades.⁹⁸

É nesse sentido que Kistemaker complementa quando diz que "em Suas parábolas, Jesus revela novas verdades, pois ele foi comissionado por Deus para tornar conhecida a vontade e a palavra de Deus. As parábolas de Jesus, portanto, são a revelação de Deus".⁹⁹ Marcos, em seu evangelho, relata que Jesus, em relação ao povo, "sem parábola nada lhes falava" (Mc 4.34). O evangelista afirma ainda que "com muitas parábolas semelhantes lhes expunha a palavra" e que o fazia "conforme permitia a capacidade dos ouvintes" (v. 33). Jesus afirma também que é através das parábolas que aos discípulos é "dado o mistério do Reino de Deus" (Mc 4.11).¹⁰⁰

Por meio das parábolas, Fernandes afirma que "a educação de Jesus teve a finalidade clara de formar mestres habilitados a ensinar fielmente o que Ele mesmo ensinara e aprender a praticar tudo o que Ele ordenou."¹⁰¹ DeSilva complementa dizendo que as parábolas de Jesus, uma vez ditas, seriam lembradas, memorizadas e usadas pelos seus seguidores para falar à Igreja em formação e aos gentios sobre a mensagem do Evangelho.¹⁰²

1.2.2 João e Paulo aos gregos: comunicação para um contexto

Assim como Jesus contextualizava a mensagem do Reino de Deus através de elementos da vida do cotidiano em suas parábolas, com o objetivo de se fazer entendido, os apóstolos em sua missão também necessitavam fazer uso da contextualização no anúncio do Evangelho, especialmente, aos gregos. Fernandes, abordando sobre contextualização, diz que "na comunicação há o emissor, o receptor e os possíveis ruídos que podem atrapalhar a

⁹⁷ SCHOLZ, Vilson. **Um método de estudar as parábolas de Jesus**. In: SIMPÓSIO, vol. 7, ano XXI, nº 33, ASTE, dez/1999. p. 81.

⁹⁸ KUNZ, 2014, p. 9-11.

⁹⁹ KISTEMAKER, Simon J. **As parábolas de Jesus**. Tradução de Eunice Pereira Souza. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992. p. 19.

¹⁰⁰ KUNZ, 2014, p. 5.

¹⁰¹ FERNANDES, 2014, p. 70.

¹⁰² DESILVA, David A. **An Introduction to the New Testament: Contexts, Methods and Ministry Formation**. Downers Grove: IVP Academic, 2004. p. 151.

efetividade da transmissão da mensagem. Daí a necessidade da adaptação e sensibilidade no testemunho das palavras.”¹⁰³

Como já abordado, os gregos espalharam sua língua e cultura por muitos povos do mediterrâneo e além. Seu modo de pensar e sua comunicação dominaram as comunidades daquele século. No entanto, ao dominarem os povos, os gregos não aniquilaram as divindades dos povos dominados; antes, as acrescentaram à sua realidade religiosa.¹⁰⁴ O resultado disso, segundo Hubbard, foi um contexto religioso que “continuava a honrar o clássico panteão da Atenas antiga, mas sem excluir a multiplicidade de divindades regionais, mitologias locais e um amplo espectro de crenças e práticas [religiosas].”¹⁰⁵

Para a sociedade grega, os deuses faziam parte de todos os aspectos e elementos da vida. Aliás, como diz Hopkins, “o mundo era cheio de deuses”.¹⁰⁶ Para eles, não havia um lugar no *cosmos* dentro do qual não houvesse a atuação de uma determinada divindade. Isso pressupõe que os gregos tinham à sua disposição uma miríade de deuses, a começar por aqueles mais “famosos” e “poderosos”, até chegar aos deuses familiares (culto aos ancestrais). Nesse contexto, a religião grega não exigia de seus adeptos uma conversão como nos moldes do judaísmo. Assim, práticas ligadas à “evangelização” eram estranhas aos gregos.¹⁰⁷

1.2.2.1 João e o Logos

Éfeso e seu entorno era o local de intensa colonização grega, e João, apóstolo que buscava dirigir seu Evangelho a esta região - além de outras - precisou encontrar a melhor forma de explicar Jesus para aquele povo. O primeiro diálogo entre fé cristã e filosofia grega encontrado em João está no início de seu evangelho, quando ele precisou sair do pensamento monoteísta judaico e penetrar na cultura politeísta do mundo grego.¹⁰⁸ A dificuldade entre João e os gregos estaria em apresentar o Cristo em sua natureza divina e humana. Reinke explica que:

se afirmasse que Jesus era Filho de Deus, ao mesmo tempo humano e divino, o grego poderia associá-lo às figuras dos heróis como Hércules ou Teseu, que

¹⁰³ FERNANDES, 2014, p. 72.

¹⁰⁴ WON, 2020, p. 264.

¹⁰⁵ HUBBARD, M. V. “Greek religion” em GREEN, J. B. e MCDONALD, L. M. **The World of the New Testament**, p. 105.

¹⁰⁶ HOPKINS, Keith. *A World Full of Gods: Pagans, Jews, and Christians in the Roman Empire*. Londres: Weidenfield & Nicolson, 1999 em HURTADO, Larry W. **Destroyer of the Gods**, p. 44.

¹⁰⁷ WON, 2020, p. 265-266.

¹⁰⁸ REINKE, 2019, p. 260.

eram meio divinos e meio humanos (filhos de Zeus e Poseidon, respectivamente). Se dissesse que Deus havia andado como homem entre nós, poderiam pensar nos muitos disfarces de Zeus, que também se fazia humano. (Aliás,) Zeus (não) seria um bom nome para explicar Deus (pois) ele foi concebido, teve origem, era filho de Cronos. (Da mesma forma,) Cronos também nasceu em dado momento. [...] Ficava complicado explicar o Deus dos judeus e seu Filho Jesus Cristo por meio da mitologia grega.¹⁰⁹

Para solucionar este problema de comunicação, o apóstolo João contextualizou a mensagem através da palavra “*Logos*”. Esta palavra tinha larga utilização no mundo grego para designar uma transcendência muito superior à ideia oferecida pela religião.¹¹⁰ De acordo com Reinke, “o Logos para o grego [...] era o princípio universal subjacente a tudo o que existe, a razoabilidade, aquilo que faz o universo e a própria mente funcionarem dentro de uma mesma lógica.”¹¹¹

Assim, segundo González, o que o apóstolo João fez - e depois os cristãos primitivos repetiram - foi afirmar que o Logos, que os gregos já conheciam e sobre o qual já refletiam, encarnou-se em Jesus Cristo.¹¹² No texto, João situa Jesus presente desde o “princípio” como sendo o próprio Verbo de Deus (“aquele que é a Palavra”): “No princípio era o verbo (*logos*), e o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus” (Jo 1.1-3).¹¹³ Nesse sentido, Reinke complementa que “o Logos criador do mundo estava na formação de Israel, mas também na fundação da Grécia e de Roma. Ele é a luz que iluminou os profetas, mas também incutiu inclusive nos filósofos toda a verdade que aparece no mundo.”¹¹⁴

João continuou a descrição do Logos em Jesus Cristo falando ainda além da filosofia grega: o Logos que criou o mundo também se encarnou, tornou-se homem e habitou entre eles (João 1.2-5,9-14). Tillich finaliza explicando que “João não apresentou apenas o conceito como os gregos o entendiam; ele o aprofundou, trouxe para dentro da revelação bíblica. Sim, o Logos andou entre os apóstolos, e eles puderam ver a Deus por meio dele.”¹¹⁵ A fim de comunicar o Evangelho aos gregos, João utiliza de seus conceitos filosóficos para contextualizar a mensagem e torná-la entendível para aquela cultura.

¹⁰⁹ REINKE, 2019, p. 261.

¹¹⁰ CHAMPLIN, Russel Norman. **O Novo Testamento interpretado**: versículo por versículo: Lucas e João. Guaratinguetá: Voz Bíblica, 2001. p. 256.

¹¹¹ REINKE, 2019, p. 262.

¹¹² GONZÁLEZ, 2011, p. 106-108.

¹¹³ WON, 2020, p. 42.

¹¹⁴ REINKE, 2019, p. 262.

¹¹⁵ TILLICH, Paul. **História do pensamento cristão**. 5. ed. São Paulo: ASTE, 2015. p. 37.

1.2.2.2 Paulo em Atenas

Outro que contextualizou sua mensagem de boas novas aos gregos foi o apóstolo Paulo. Chamado de apóstolo dos gentios, Paulo era homem de três mundos: o judaico, o grego e o cristão. Paulo era judeu profundamente piedoso e alinhado aos fariseus no que tange ao pensamento teológico e à espiritualidade. Por outro lado, era conhecedor da cultura grega, falava e escrevia em grego, e tinha um estilo muito parecido com a crítica *estoica*.¹¹⁶ Sua base grega provavelmente veio de sua cidade natal, Tarso da Cilícia, capital de uma província muito próspera, culta e famosa pelas escolas filosóficas.¹¹⁷

Em sua viagem para Atenas, Paulo pregou aos atenienses no monte de Ares, o Areópago, onde ocorriam debates filosóficos e julgamentos religiosos dos mais diversos. O público presente eram intelectuais gregos. Paulo iniciou seu discurso aos atenienses elogiando a sua religiosidade (At 17.22-23), para então afirmar que ele não veio pregar nada novo, mas anunciar os detalhes cruciais da fé do “Deus desconhecido” que eles já adoravam há séculos, mesmo sem saberem.¹¹⁸

Naquela cidade, Paulo encontrou uma infinidade de divindades. E entre elas, um altar dedicado ao *Agnosto Theo* — o Deus desconhecido (At 17.23). Não teve dúvidas de que estava diante de uma revelação divina. Segundo Richarlison, aquele altar estava relacionado a um evento ocorrido seis séculos antes, quando Epimênides, o filósofo grego, ajudou a derrotar uma praga, sacrificando a uma divindade oculta que não revelara seu nome.¹¹⁹ Para o apóstolo, aquele foi um evento ligado diretamente a Yahweh, e, portanto, o usou como ponte comunicativa para contextualizar sua mensagem. A revelação geral de Deus, através do “Deus desconhecido” dos gregos, e a retórica própria dos filósofos, serviram como base para Paulo lhes apresentar o Evangelho e sua redenção (At 17.23-31).¹²⁰

1.2.3 As cartas de Paulo: uma tecnologia de comunicação facilitando missões

Com a sua partida de Antioquia, que dá o início a seu ministério, Paulo desenvolveu um trabalho missionário cujo objetivo final era a evangelização do mundo (Rm 15.24-28; At

¹¹⁶ LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Exodus, 1997. p. 340.

¹¹⁷ CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 242-244.

¹¹⁸ REINKE, 2019, p. 266.

¹¹⁹ RICHARLISON, Don. **O fator Melquisedeque: o testemunho de Deus nas culturas através do mundo**. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 14-30.

¹²⁰ FERNANDES, 2014, p. 71.

19-21).¹²¹ Neste mundo da antiguidade, cujas distâncias a serem percorridas eram enormes, Paulo necessitou de uma forma de comunicação mais rápida que a sua própria presença, e que permitisse atender a diversas frentes missionárias, quase que ao mesmo tempo. Won explica esta dificuldade:

Imaginemos a dificuldade de pastorear igrejas localizadas em diversas partes do mundo mediterrâneo, considerando apenas o apóstolo Paulo e as igrejas que ele efetivamente plantou ou visitou durante suas viagens missionárias. Surge diante desse quadro toda a dimensão do ‘problema’ deste grande e custoso trabalho, tanto em termos financeiros como em relação ao tempo. Como suprir espiritualmente essas igrejas com a Palavra de Deus estando tão distante delas? É em resposta a essa questão importante que as cartas assumem o seu lugar.¹²²

Para resolver a dificuldade, a carta, uma tecnologia de comunicação a distância da época, foi o meio pelo qual Paulo pôde ter sua voz ouvida.¹²³ Segundo Mcknight, “as cartas no mundo de Paulo eram a presença encarnada e registrada do seu autor, nesse caso, de Paulo”.¹²⁴ Evidências demonstram, segundo Fernandes, que Paulo, num espaço de 11 anos, pregou o evangelho numa área de 70 mil quilômetros quadrados, graças às suas cartas.¹²⁵

As cartas eram registros breves, amplamente utilizadas na Antiguidade Clássica. Eram enviadas por um remetente e respondidas, em seguida, por seus destinatários, mantendo ou não uma conversa a distância. Estas cartas tinham uma estrutura peculiar que facilitava a sua identificação.¹²⁶ Stowers, explicando a estrutura dessas cartas, diz que:

em termos básicos, as cartas eram constituídas de três partes: introdução epistolar (continha a identificação do remetente, seguida do destinatário, com um rogo de bênção e uma breve saudação); corpo epistolar (continha o desenvolvimento textual e o motivo do envio da carta, ou seja, o propósito epistolar); e conclusão epistolar (o remetente dirigia-se ao destinatário de forma pessoal, com um rogo e uma saudação final).¹²⁷

É interessante notar que, a maioria das cartas do Novo Testamento, principalmente as paulinas, tem uma extensão maior do que as cartas produzidas no contexto clássico. Isso pode ser explicado pelo uso teológico que seus autores fizeram delas, com a finalidade de instruir as comunidades para as quais foram endereçadas. De acordo com os números

¹²¹ FERNANDES, 2014, p. 62.

¹²² WON, 2020, p. 334.

¹²³ WON, 2020, p. 345.

¹²⁴ MCKNIGHT, Scot. **Reading Romans Backwards**. Grand Rapids: Baker Academic, 2019 ed. Kindle, posição 199.

¹²⁵ FERNANDES, 2014. p. 63.

¹²⁶ STOWERS, Stanley K. **Letter Writing in Greco-Roman Antiquity**. Philadelphia: The Westminster Press, 1986. p. 27.

¹²⁷ STOWERS, 1986, p. 20.

apresentados por Carson, Moo e Morris, "Cícero escreveu 776 cartas com comprimento entre 22 e 2.530 palavras. Sêneca escreveu 124 cartas com comprimento entre 149 e 4.134 palavras; as cartas de Paulo têm um comprimento médio de 1.300 palavras, e Romanos tem 7.114)".¹²⁸

As cartas de Paulo foram escritas para responder às crises e contingências surgidas no seio de cada comunidade que este pastoreava à distância. Diferente do uso no âmbito privado que era comum das cartas, Paulo não as escrevia para serem lidas de forma individual, mas para serem declamadas em público, durante a reunião das comunidades cristãs (Cl 4.16).¹²⁹ Aliás, Paulo foi, provavelmente, um dos poucos na Antiguidade a escrever epístolas fora do âmbito privado. Como afirma Witherington,

Paulo [...] leva a dimensão oral um pouco além, escrevendo de forma retoricamente eficiente; isso significa que, ao escrever suas cartas, ele segue as convenções greco-romanas relativas aos discursos públicos. [...] É importante lembrar que as cartas eram comunicações essencialmente privadas, antes da época de Cícero, no século I a.C., não redigidas para domínio público, muito menos para publicação.¹³⁰

O escritor de 2 Pedro confirma a existência e a circulação das cartas paulinas (2Pe 3.15, 16). Esse relato confirma que a leitura do *corpus paulinum* era prática corrente nas igrejas cristãs desde a redação delas.¹³¹ Além disso, as cartas de Paulo são os documentos mais antigos do Novo Testamento. Isso quer dizer que, antes de os Evangelhos serem produzidos, as mensagens escritas por Paulo já estavam sendo difundidas no mundo mediterrâneo.¹³²

Aprouve a Deus – e a Paulo - comunicar o evangelho em um meio de comunicação conhecido e altamente eficaz da época: as cartas. Deus, na sua infinita soberania, resolveu amoldar a sua mensagem à linguagem dos seres humanos segundo as formas literárias disponíveis na época. As cartas representavam a presença cuidadora de Paulo diante de um rebanho que estava a distância, espalhados pela Asia Menor, Europa, Oriente Médio e norte da África.¹³³ As cartas, como tecnologia de comunicação da época, apesar de suas limitações, cumpriram seu papel de alcançar mais pessoas, em menos tempo e esforço.

1.3 O impacto da comunicação na Missio Dei bíblica

¹²⁸ CARSON; MOO; MORRIS, 2006, p. 263.

¹²⁹ WON, 2020, p. 340-341.

¹³⁰ WITHERINGTON III, Ben. *Histórias e histórias do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2005. p. 56.

¹³¹ WON, 2020, p. 71.

¹³² WITHERINGTON III, 2005, p. 55.

¹³³ WON, 2020, p. 357.

Antes de abordar as contribuições da comunicação na Bíblia, fazer-se-á necessário definir *Missio Dei*. Segundo Fernandes, *Missio Dei* “é uma expressão de raiz latina que começou a ser usada a partir de 1932 na Conferência Missionária de Brandemburgo, Alemanha. Entre outras implicações, o termo diz que a missão é, antes de tudo, de Deus.”¹³⁴ A *Missio Dei* traz uma consciência de que a missão da Igreja faz parte de um movimento que se origina em Deus - o de salvar toda a humanidade.

Como já visto, a comunicação foi essencial, tanto no Antigo Testamento, quanto no Novo, para que as sociedades se organizassem, e principalmente, para que houvesse um relacionamento entre homem e Yahweh. Durante a história bíblica, a comunicação passou por evoluções, no que diz respeito às línguas humanas, e também a ferramentas desenvolvidas para a transmissão escrita. Mas quais são as contribuições dessa comunicação para a Missão de Deus durante a história bíblica?

A invenção da escrita pelos mesopotâmicos e egípcios, e posteriormente, a adaptação desta escrita em formato de alfabeto pelos cananeus, trouxe inúmeras vantagens em relação à comunicação das Escrituras. De acordo com Ward, as vantagens são três: primeiramente, a transmissão oral possui um risco inerente, sendo ela a inexatidão de informação original transmitida ao longo do tempo. Nesse caso, a forma escrita garante a transmissão e a preservação mais precisa do conteúdo revelado originalmente; em segundo lugar, traz a oportunidade de exame, de maneira repetida, um mesmo texto. O faro teológico é desenvolvido à medida que um mesmo texto é lido e relido. Esse exame repetido só se torna possível quando o conteúdo está registrado em forma escrita. E por fim, a acessibilidade, que permitiu acesso a essas informações para um amplo público de forma confiável.¹³⁵

No Novo Testamento, a sabedoria de ter transformado as memórias das testemunhas oculares de Jesus em um texto escrito, possibilitou que em pouco tempo (basicamente em menos de um século) esse Evangelho pudesse ter alcançado todos os domínios do então vasto Império Romano.¹³⁶ As cartas do Novo Testamento foram motivadas por uma preocupação séria de autores em alcançar pessoas certas em lugares definidos. Seja para indivíduos ou para uma igreja em específico, as cartas neotestamentárias cumpriram o seu papel de não somente

¹³⁴ FERNANDES, 2014, p. 14.

¹³⁵ WARD, 2017, p. 59-115.

¹³⁶ WON, 2020, p. 312.

transmitir as diretrizes pastorais de seus autores, mas também de serem transmitidas a partir de então, de geração em geração.¹³⁷

Ainda houve outros dois momentos no texto bíblico em que a comunicação oral e escrita contribuíram para a *Missio Dei*. Uma delas foi na morte de Jesus na cruz. Sobre a cruz de Cristo há um epíteto, que João relata em mais palavras que os sinóticos (Mt 27.37; Mc 15.26; Lc 23.38): “Jesus nazareno, o rei dos judeus”. Esta frase foi escrita nas três línguas mais usadas naquele momento e lugar: o aramaico (língua popular que os judeus utilizavam no dia a dia), o latim (língua oficial do Império Romano) e o grego (língua franca do mundo mediterrâneo). Bray, indica que:

Talvez Pilatos quisesse dar total publicidade à pessoa que estava crucificada, Jesus de Nazaré. Na verdade, a inscrição indicava o crime de que Jesus fora acusado: dizer ser ele mesmo o rei dos judeus. Entretanto, outro modo de ver isso é Deus, na pessoa do seu Filho, fazendo com o que o evangelho fosse comunicado para o entendimento de todos, uma vez que o Império Romano era poliglota.¹³⁸

Coincidentemente ou não, através da transmissão escrita trilingue, a comunicação no ministério de Jesus se fez presente até mesmo em sua morte na cruz.

Outro momento em que a comunicação foi ferramenta para a Missão de Deus foi no Pentecostes. No contexto daquela festa, judeus espalhados por todo o mundo mediterrâneo voltavam a Jerusalém para cumprir suas obrigações religiosas. É muito pouco provável supor que todos ainda falassem o idioma hebraico ou mesmo o aramaico. Neste dia, Atos revela que Yahweh capacitou sobrenaturalmente a multidão, dando-lhes entendimento da pregação de Pedro em seu idioma natal (At 2.6). O povo ficou atônito em ouvir, cada um em sua própria língua, a mensagem de Cristo ser verbalizada de forma perfeita pelos seus seguidores.¹³⁹ Won complementa que:

Pentecostes significou, numa perspectiva macro, a reversão daquilo que aconteceu na Torre de Babel (cf. Gênesis 11). Se em Babel as línguas foram dispersas por causa da pretensão humana de suplantar Deus, agora, por meio de Cristo, as línguas são unidas, pelo menos na capacidade de os judeus da diáspora entenderam a mensagem que estava sendo proclamada; uma clara indicação de que o conceito de povo de Deus estava sendo sensivelmente ampliado.¹⁴⁰

¹³⁷ WON, 2020, p. 357.

¹³⁸ BRAY, Gerald. **História da teologia cristã**. São Paulo: Shedd, 2017. p. 323.

¹³⁹ WON, 2020, p. 317.

¹⁴⁰ WON, 2020, p. 318.

Por fim, a utilização dos meios de comunicação da época para a pregação do Evangelho e o pastoreio dos cristãos mostra que o Deus que se comunica com a humanidade não faz ressalvas aos meios humanos de comunicação de cada época, antes, usa-os e os molda conforme sua perfeita vontade. Deus é um Ser comunicador desde o princípio. É quem criou a comunicação e a usou criativamente para cumprir sua Missão na história bíblica.

II A RELEVÂNCIA DA COMUNICAÇÃO NA REFORMA PROTESTANTE

Assim como Deus usou tecnologias de comunicação durante todo o período em que acontece a narrativa bíblica para cumprir a sua missão, também o fez durante os períodos da Idade Média e Idade Moderna, principalmente, durante a transição entre elas. De acordo com o Guinness World Records, em um levantamento da Sociedade Bíblica Britânica, a quantidade de cópias de Bíblias produzidas de 1815 a 1975 situa-se entre 2,5 e 5 bilhões de volumes.¹⁴¹ Como se tornou possível essa grande produção de cópias? E como a Bíblia alcançou todo o mundo sendo traduzida para mais de 350 línguas e dialetos?¹⁴² Dos escribas cuidadosos à impressão; da Bíblia inacessível à disponível em vernáculo por toda a Europa; a comunicação durante a Reforma Protestante será analisada.

2.1 A comunicação das Escrituras no período pré-impressão na Europa

Para uma melhor análise deste período pré-impressão, dividir-se-á em duas fases. A primeira, inicia-se no ano 135 d.C. até cerca de 500 d.C., sendo chamada período *talmúdico*. Dentro dessa primeira fase, foi produzido o documento mais importante da tradição rabínica judaica, o *Talmude*¹⁴³.¹⁴⁴ A segunda etapa abrange os anos entre 500 e 1000 d.C. e é chamada de período *massorético*. É nesse momento que um grupo de escribas profissionais da Idade Média, chamados de *massoretas*, cria uma série de mecanismos para a transmissão do texto sagrado e extensos aparatos críticos dispostos ao redor do corpo do texto hebraico - chamados *massorá* - para guiar a leitura e o estudo.¹⁴⁵

A partir do ano 1000 d.C., o texto massorético se tornou o texto padrão e sua vocalização, acentuação e suas notas massoréticas foram mantidas nas edições posteriores em forma de códice. O *Codex leningradensis*, datado de 1008 e escrito sobre pergaminho, é a mais antiga versão da Bíblia Hebraica completa que se tem à disposição atualmente.¹⁴⁶ O fim

¹⁴¹ Disponível em www.guinnessworldrecords.com/world-records/best-selling-book-of-nonfiction. Acesso em: 25 abr 2021.

¹⁴² WON, Paulo. **E Deus falou na língua dos homens: uma introdução à bíblia**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 27.

¹⁴³ O Talmude consiste na coleção de ensinamentos dos rabinos divididos em duas partes: a *Mishná* - uma coletânea de ensinamentos orais da Torá produzida pelos rabinos tanaítas (séculos I a III), onde o texto bíblico é intensamente comentado e discutido - e a *Gemará*, que é o comentário da *Mishná* e a base de todos os códigos da lei rabínica. Ver mais em: KAISER JR, Walter C. **Introdução à hermenêutica bíblica**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014. p. 204-208.

¹⁴⁴ KLEIN, William W.; BLOMBERG, Craig L.; HUBBARD JR., Robert L. **Introdução à interpretação bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. p. 88-93.

¹⁴⁵ WON, 2020, p. 90.

¹⁴⁶ WON, 2020, p. 92.

dessa última fase de transmissão é marcado pela invenção da prensa com tipos móveis por Johannes Gutemberg em 1450, tornando-se a maior revolução em termos de transmissão do texto bíblico em mais de dois milênios e meio de história.¹⁴⁷

2.1.1 Linguagens: do grego ao latim

A Europa medieval sempre foi considerada uma cultura essencialmente oral.¹⁴⁸ No início deste período medieval pré-impressão, a língua grega teve domínio no ocidente até pelo menos os três primeiros séculos da era cristã. O período total da supremacia da língua grega durou de 330 a.C. a 330 d.C., sendo, a partir de então, gradualmente substituído pelo latim.¹⁴⁹ A substituição da língua grega pela latina foi observada no Império Romano à medida que este realizava suas conquistas. O latim suplantou o grego e ficou sendo por muitos anos a língua diplomática da Europa.¹⁵⁰

Segundo Briggs e Burke, nas escolas do ocidente onde ensinava-se gramática, dava-se grande ênfase à habilidade de falar latim. Os professores compunham diálogos e peças teatrais para que os estudantes praticassem a fala da língua.¹⁵¹ No ambiente eclesiástico, o latim era também a língua comum falada pelos monges ao longo da era medieval, no qual os sermões eram um meio importante de disseminar informação.¹⁵²

A partir do século II, surgiram as primeiras evidências de traduções das Escrituras para o latim.¹⁵³ Mein destaca que ao longo da costa setentrional da África organizaram-se igrejas compostas de pessoas de língua latina. Para estas, foi preparada uma tradução da Bíblia em latim, que foi a base da *Vulgata* de Jerônimo (347-420), a versão mais importante produzida em latim e posteriormente oficializada pela Igreja Católica Romana.¹⁵⁴

A oficialização da Igreja por uma específica tradução se fez necessária pois, de acordo com Metzger, “durante o século III, várias versões antigas em latim circularam no norte da

¹⁴⁷ BRIGGS, Asa e BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 15-67.

¹⁴⁸ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 20.

¹⁴⁹ WALLACE, D. B. **Greek grammar beyond the basics: an exegetical syntax of the New Testament**. Grand Rapids: Zondervan, 1996. p. 18.

¹⁵⁰ SILVA, Antonio Gilberto da. **A Bíblia através dos séculos: uma introdução**. Rio de Janeiro: CPAD, 1986. p. 87.

¹⁵¹ BRIGGS; BURKE, 2006. p. 37.

¹⁵² REINKE, André D. **Os outros da Bíblia: história, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019. p. 295.

¹⁵³ METZGER, Bruce M.; EHRMAN, Bart D. **The text of the New Testament: its transmission, corruption, and restoration**. 4. ed. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 101.

¹⁵⁴ MEIN, John. **A Bíblia e como chegou até nós**. Rio de Janeiro: JUERP, 1986. p. 61.

África e na Europa.”¹⁵⁵ Esse fato, segundo Bray, se tornou uma preocupação para a Igreja, que teve a necessidade de padronizar uma só versão para que controvérsias teológicas e possíveis erros de tradução fossem reduzidos, especialmente depois da legalização do cristianismo no século IV.¹⁵⁶

2.1.2 A escrita: dos primeiros séculos do cristianismo até Gutenberg

O livro, tal como é conhecido hoje, foi desenvolvido por volta do século II, quando folhas de papiro foram encadernadas para o uso dentro das igrejas.¹⁵⁷ Já a partir do século IV, livros começaram a ser produzidos utilizando-se o pergaminho, um material muito mais durável e resistente ao manuseio. Pergaminho é a pele de animais curtida e preparada para a escrita. Seu uso generalizado vem dos primórdios do cristianismo, mas já era conhecido em tempos remotos, pois já é mencionado em Isaías 34.4.¹⁵⁸ Segundo Silva:

Tudo indica que o vocábulo ‘pergaminho’ derivou seu nome da cidade de Pérgamo, capital de um riquíssimo reino que ocupou grande parte da Ásia Menor, sendo Eumenes II (197-159 d.C.), seu maior rei. Esse rei projetou formar para si uma biblioteca maior que a de Alexandria, Egito. O rei do Egito, por inveja, proibiu a exportação do papiro, obrigando Eumenes a recorrer a outro material gráfico. Tal fato motivou o surgimento de um novo método de preparar peles, muito aperfeiçoado, que resultou no pergaminho.¹⁵⁹

O Novo Testamento menciona esse material gráfico em 2 Timóteo 4.13 e Apocalipse 6.14. Na carta de Paulo a Timóteo, ele solicita que lhe sejam trazidos “os livros, especialmente os *pergaminhos*”.¹⁶⁰ O *Codex sinaiticus* (séculos IV-V) foi a primeira Bíblia em pergaminho completa, com Antigo e Novo Testamentos encadernados em formato de livro.¹⁶¹ Os livros eram escritos de forma manuscrita e foram produzidos em número cada vez mais elevado nos dois séculos anteriores à invenção da impressão gráfica - nova tecnologia introduzida para satisfazer uma demanda crescente por material de leitura.¹⁶²

Neste período pré-impressão, cresceu o número de pessoas em ocupações ligadas à escrita: empregados de escritório, contadores, escrivães, notários, escritores públicos e

¹⁵⁵ KEDAR, Benjamin. The Latin Translations in MULDER, Martin Jan. **Mikra**: text, translation, reading e interpretation of the Hebrew Bible in ancient Judaism e early Christianity. Peabody: Hendrikson, 2004. p. 300-301.

¹⁵⁶ BRAY, Gerald. **História da teologia cristã**. São Paulo: Shedd, 2017. p. 330.

¹⁵⁷ METZGER, 2005, p. 12.

¹⁵⁸ SILVA, 1986, p. 75.

¹⁵⁹ SILVA, 1986, p. 75.

¹⁶⁰ WON, 2020, p. 35.

¹⁶¹ METZGER, 2005, p. 62-67.

¹⁶² BRIGGS; BURKE, 2006, p. 20.

carteiros, por exemplo. Alguns desses cargos possuíam status social relativamente alto, entre eles a de secretário particular a serviço de figuras importantes que não tinham tempo de escrever suas próprias cartas ou não possuíam a competência para tal. Briggs e Burke escrevem que “nas cidades daquele período, ocupação comum era a de escritor público, pessoa com um ‘escritório’ na rua, compondo ou escrevendo cartas para gente que não sabia escrever.”¹⁶³

Em relação ao contexto comercial da escrita na Europa dos séculos XIV e XV, escolas especializadas ensinavam a escrita e a aritmética com base em exemplos comerciais para meninos que iriam se tornar comerciantes ou contadores. Segundo Briggs e Burke, a escrita tinha função indispensável, sobretudo para registrar transferências de propriedades por ocasião de matrimônios ou mortes. A prática de escrever diários ou crônicas também encontrava-se bastante difundida.¹⁶⁴

2.2 A invenção da Imprensa de Gutemberg: a revolução das cópias

Apesar do crescente desenvolvimento da escrita durante a Idade Média, em termos gerais, apenas poucas pessoas possuíam a Bíblia ou outros livros de qualquer tipo. A grande maioria das pessoas não sabia ler; mesmo quando liam para eles o texto bíblico, de nada adiantava, pois não conheciam latim; e, para os que eventualmente conhecessem, eram proibidos de ler a Bíblia. Além disso, o custo de uma Bíblia era altíssimo.¹⁶⁵ O sacerdote local, com frequência, tinha pouco ou nenhum treinamento em latim, e seu conhecimento da Bíblia era bastante precário. O povo comum confiava no ensino do líder eclesiástico e na arte arquitetônica da igreja para obter informação sobre a Bíblia.¹⁶⁶

Nessa época, em que os monges copiavam os textos à mão em folhas de papiro ou em pergaminhos, os custos da escrita nesses materiais e a remuneração do tempo utilizado pelos copistas era muito alto, estando muito além das posses do homem comum. Além disso, a escrita pelos escribas era de modo laborioso, lento e oneroso, o que fazia com que obras

¹⁶³ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 41.

¹⁶⁴ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 39.

¹⁶⁵ JUST, Gustav. **Deus despertou Lutero**. 3. ed. Tradução de Gastão Thomé. Porto Alegre: Concordia, 2012. p. 101.

¹⁶⁶ CURTIS, A. Kenneth; LANG, J. Stephen; PETERSEN, Randy. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China**. São Paulo: Vida, 2003. p. 102.

demorassem muito tempo para serem produzidas ou copiadas.¹⁶⁷ Porém, na metade do século XV, uma invenção comunicacional apareceu para causar impacto sobre essa situação.

2.2.1 A invenção em 1450

O ano de 1450 é a data aproximada para a invenção, na Europa, provavelmente por Johann Gutenberg de Mainz, de uma prensa gráfica - talvez inspirado pelas prensas de vinhos de sua região natal, banhada pelo rio Reno.¹⁶⁸ Essa prensa usava tipos móveis de metal, que eram montados e manchados de tinta e pressionados sobre papel. A partir desta invenção, pôde-se fazer muitas cópias a um custo muito inferior ao de um texto copiado à mão. A exemplo, segundo Curtis, Lang e Petersen, em 1456, Gutenberg - ou um grupo do qual ele fazia parte - imprimiu duzentas cópias da Vulgata, a Bíblia latina revisada por Jerônimo, o que jamais se conseguiria fazer de forma manuscrita em um tempo tão curto.¹⁶⁹

É importante frisar que a invenção de Gutenberg restringe-se ao mundo ocidental uma vez que, no Oriente, a primeira impressão com tipos móveis é datada de 1040, feita na China com tipos de porcelana ou madeira; e a prensa de tipos móveis em metal foi primeiramente usada na Coreia, durante a dinastia Koryo, em 1377, mas já havendo indícios de seu uso em 1234. O procedimento era apropriado para culturas que empregavam milhares de ideogramas e não para os alfabetos ocidentais.¹⁷⁰

Além da otimização do tempo e do custo gerado pela criação da imprensa por Gutenberg no ocidente, eventuais erros, comuns na cópia manual, foram praticamente eliminados. Isso teve impacto no trabalho dos escribas, cujo negócio era ameaçado pela nova tecnologia, fazendo com que estes deplorassem desde o início a chegada da impressão gráfica. Para as autoridades da Igreja, o problema básico era que os impressos permitiam aos leitores - que ocupavam uma posição baixa na hierarquia social e cultural - estudar os textos bíblicos por conta própria, em vez de confiar no que os líderes eclesiásticos contavam.¹⁷¹

2.2.2 A evolução comunicacional na Europa no século XV ao XVIII

Durante algum tempo, os impressores de Mainz guardaram segredo sobre as técnicas de Gutenberg, mas, em 1483, quando Martinho Lutero nasceu, todos os grandes países da

¹⁶⁷ SILVA, 1986, p. 18.

¹⁶⁸ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 24.

¹⁶⁹ CURTIS; LANG; PETERSEN, 2003, p. 102.

¹⁷⁰ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 24.

¹⁷¹ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 26.

Europa já tinham pelo menos uma máquina de impressão. No espaço de cinquenta anos, desde a primeira impressão da Bíblia de Gutenberg, os impressores já haviam ultrapassado a quantidade de material que os monges produziram em vários séculos. Os livros passaram a ser disponibilizados em diversas línguas bem como houve um aumento do número de pessoas que sabiam ler e escrever.¹⁷²

Rapidamente a prática da impressão gráfica se espalhou pela Europa com a diáspora dos impressores germânicos. Por volta de 1500, haviam sido instaladas máquinas de impressão em mais de 250 lugares na Europa. Segundo Briggs e Burke:

80 na Itália, 52 na Alemanha e 43 na França. As prensas chegaram a Basiléia em 1466, a Roma em 1467, a Paris e Pilsen em 1486, a Veneza em 1469, a Leuven, Valência, Cracóvia e Buda em 1473, a Westminster em 1476 e a Praga em 1477. Todas essas gráficas produziram cerca de 27 mil edições até o ano de 1500, o que significa que - estimando-se uma média de 500 cópias por edição — cerca de 13 milhões de livros estavam circulando naquela data em uma Europa com cem milhões de habitantes.¹⁷³

Os materiais impressos se tornaram muito importantes na vida diária da sociedade no início do período moderno. Documentos de aluguéis, recibos, censo e declarações de renda começaram a ser produzidos pela prensa gráfica. O comércio muito se desenvolveu com esta nova tecnologia, tanto da parte da nova profissão de impressor - novo tipo de grupo de artesãos necessariamente letrados -, quanto em relação aos novos produtos e serviços que eram apresentados à sociedade consumidora.¹⁷⁴

Um desses serviços desenvolvidos foi o sistema postal. No século XVI, a família Tassis ou Taxis (o termo "táxi", atualmente de uso internacional, é derivado de seu nome), desenvolveu um sistema postal em que mensageiros especiais, trocando os cavalos a intervalos regulares, eram capazes de viajar até cerca de 200 quilômetros por dia e, assim, trazer as notícias de importantes eventos com relativa rapidez. Em 1572, por exemplo, as notícias do massacre de protestantes em Paris - conhecido como Dia de São Bartolomeu - chegaram a Madri em três dias graças ao sistema postal impulsionado pela prensa gráfica.¹⁷⁵

Outro produto oriundo da invenção da impressa foi o da imagem reproduzida mecanicamente, chamado como estampa, termo geralmente empregado para imagens impressas. O crescimento da figura impressa foi a mudança mais profunda da comunicação

¹⁷² CURTIS; LANG; PETERSEN, 2003, p. 102.

¹⁷³ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 24.

¹⁷⁴ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 75.

¹⁷⁵ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 33.

visual de todo aquele período, pois permitia, como nunca, que as imagens ficassem disponíveis para difusão. As estampas eram relativamente baratas de se fazer e transportar, permitindo que o trabalho dos artistas alcançasse rapidamente um número elevado de pessoas.¹⁷⁶

Os livros também se multiplicaram ligeiramente, e com eles a difusão de conhecimento. Cidades da Europa moderna tornaram-se centros comerciais de livros, sendo as três principais Veneza no século XVI, Amsterdã no XVII e Londres no XVIII. Só no século XVI, estima-se que cerca de 500 impressores e editores produziram de 15 mil a 17.500 livros e possivelmente 18 milhões de cópias. As publicações facilitaram o acesso ao conhecimento, difundindo descobertas mais amplamente e dando margem a uma crítica à autoridade, facilitando a divulgação de visões incompatíveis sobre o mesmo assunto.¹⁷⁷

A imprensa, para o filósofo inglês Francis Bacon (1561-1626), “mudou todo o estado e a face das coisas em todo o mundo.”¹⁷⁸ No mesmo sentido, Samuel Hartlib – um exilado do Leste europeu na Grã-Bretanha que apoiou diversas iniciativas de reforma sociais e culturais – escreveu no início do século XVII que “a arte da impressão disseminará tanto conhecimento que as pessoas comuns, sabedoras de seus direitos e liberdades, não serão governadas de forma opressora.”¹⁷⁹

A tecnologia de impressão não se manteve inalterada após Gutenberg. Ao longo dos séculos seguintes, foi recebendo aprimoramentos, como o do impressor alemão Willem Blaeu no século XVII, que permitiu a impressão de mapas. Mais tarde, a prensa manual de ferro de Stanhope (1804) dobrou a taxa normal de produção, enquanto a de vapor, de Friedrich Koenig (1811), quadruplicou a produtividade em relação à de Stanhope.¹⁸⁰

2.3 O impacto da Imprensa de Gutemberg na propagação da Reforma Protestante

Por volta do ano 1500 d.C., os fundamentos da velha sociedade medieval estavam ruindo e uma nova sociedade, com uma dimensão geográfica muito ampla e com transformações nos padrões políticos, econômicos, intelectuais e religiosos, começava a

¹⁷⁶ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 44-45.

¹⁷⁷ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 61-63.

¹⁷⁸ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 26.

¹⁷⁹ FREITAS, Fernando A. T. **A internet como meio de comunicação para a publicidade: características, vantagens e desafios**. Porto Alegre: UFRS, 2013. p. 17.

¹⁸⁰ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 31.

surgir. Iniciava-se a Idade Moderna, estimulada por descobertas como a impressa, bússola, pólvora, navegações marítimas a novos continentes, entre outras.¹⁸¹ Esta época que antecedeu a Reforma Protestante foi um período marcado por muitas mudanças na cultura e na sociedade.¹⁸² Como diz George, foi “uma era em transição, caracterizada pelo surgimento de um novo tipo de cultura que estava se esforçando para nascer enquanto o velho tipo de cultura ainda estava morrendo.”¹⁸³

O espírito do humanismo e do resgate dos padrões clássicos estava varrendo a Europa. O lema *ad fontes* foi uma das principais causas da redescoberta do texto bíblico não somente pelo monge alemão Martinho Lutero, mas também por João Calvino (1509-1564), Útrico Zuínglio (1484-1531) e tantos outros. Nas palavras de Won, “voltar às fontes significou, dentro do contexto do estudo bíblico, retornar às línguas originais em detrimento do latim.”¹⁸⁴

Segundo Luther, esta era a percepção de Lutero na época, quando disse: “tenha certeza de que não preservaremos o evangelho por muito tempo sem as línguas [originais].”¹⁸⁵ Deus levantou grandes homens que, apesar de sofrerem circunstâncias difíceis, lutaram para ter acesso às Escrituras e para conceder o mesmo acesso ao povo, mesmo em detrimento de suas vidas.¹⁸⁶ A Reforma Protestante representou um verdadeiro marco na história da sociedade.¹⁸⁷

2.3.1 A Reforma Protestante

Entre 1309 e 1439, a Igreja Romana desceu a um ponto muito baixo no conceito da sociedade. A organização hierárquica, com suas exigências de celibato e obediência absoluta ao papa, e a feudalização da Igreja Romana provocaram um declínio na moral dos clérigos.¹⁸⁸ A corrupção reinava na Igreja, quando cargos eclesiásticos eram comprados por nobres ricos e usados para alcançar mais riqueza e mais poder.¹⁸⁹

¹⁸¹ CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 221.

¹⁸² FERREIRA, Franklin. **A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais**. São Paulo: Vida Nova, 2013. p. 157.

¹⁸³ GEORGE, Timothy. **Teologia dos reformadores**. Tradução de Gerson Dudus e Valéria Fontana. São Paulo: Vida Nova, 1993. p. 19.

¹⁸⁴ WON, 2020, p. 114.

¹⁸⁵ LUTHER, Martin. To the councilmen of all cities in Germany that they establish and maintain christian schools in BRANDT, Walther I. **The Christian in Society**. Philadelphia: Muhlenberg, 1962. p. 360.

¹⁸⁶ KUNZ, Claiton A. (Orgs.) **Os cinco solas da Reforma Protestante**. São Paulo: Rádio Trans Mundial; Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2017. p. 34-35.

¹⁸⁷ KUNZ, 2017, p. 116-117.

¹⁸⁸ CAIRNS, 1995, p. 199.

¹⁸⁹ CURTIS; LANG; PETERSEN, 2003, p. 109.

Peregrinações e missas – incluindo as missas pelos mortos - eram mais populares do que nunca. A veneração dos santos, especialmente da Virgem Maria e de sua mãe, Santa Ana, havia aumentado drasticamente.¹⁹⁰ De acordo com Walker:

Em vários países europeus, principalmente na Alemanha, a Igreja Católica mantinha-se forte e influente na vida da sociedade. Pelo menos esta era a fachada que a Igreja expunha ao público, pois na verdade ela se assemelhava mais a um belo túmulo: bonita por fora, mas com muitas coisas podres do lado de dentro, e isto devido a vários fatores.¹⁹¹

Foi um período em que a realidade da morte, causada pelas doenças que se espalhavam, era muito presente. Isso gerava nas pessoas um constante sentimento de medo e culpa pelos pecados. Sentimentos dos quais elas buscavam desesperadamente formas de se libertar.¹⁹² Com isso, o papa autorizou a venda de indulgências na região, as quais se multiplicavam, cada vez mais enriquecendo a Igreja e empobrecendo o povo.¹⁹³

As indulgências estavam diretamente ligadas ao sacramento da penitência, que era um documento que se adquiria por uma importância em dinheiro, livrando assim aquele que o comprasse da pena do pecado. Segundo Cairns, ensinava-se que a culpa e o castigo eterno pelo pecado eram perdoados por Deus, mas havia uma exigência temporal que o pecador deveria cumprir em vida ou no purgatório, através de uma peregrinação a um lugar sagrado, do pagamento de um valor à igreja ou de alguma obra meritória.¹⁹⁴

Ainda era pregado que, através das indulgências, o fiel comprava a sua salvação e o seu lugar no céu ou às vezes até mesmo a de familiares que já haviam morrido.¹⁹⁵ Mesmo com a compra, era o sacerdote local que indicava se o fiel teria remissão total ou parcial de seus pecados.¹⁹⁶ Este quadro de exploração e de enganos premeditados impostos pela Igreja Católica fez surgir dentro dela um clamor por uma reforma interna do papado nos séculos XIV e XV.¹⁹⁷

¹⁹⁰ WALKER, Wiliston. **História da igreja cristã**. Tradução de Paulo D. Siepierski. São Paulo: ASTE, 2006, p. 489.

¹⁹¹ WALKER, 2006. p. 489.

¹⁹² GEORGE, 1993, p. 28.

¹⁹³ CURTIS; LANG; PETERSEN, 2003, p. 109.

¹⁹⁴ CAIRNS, 1995, p. 229.

¹⁹⁵ DREYER, F. C. H.; WELLER, E. **A Bíblia e o catolicismo romano: catolicismo romano à luz das Escrituras**. Tradução de Sabatini Lalli. Teresópolis: Casa Editora Evangélica, 1961. p. 108-110.

¹⁹⁶ DANIEL-ROPS, Henry. **A Igreja da Renascença e da Reforma: I. A reforma protestante**. São Paulo: Quadrante, 1996. p. 266.

¹⁹⁷ MODES, Josemar V. O protestantismo em sua primeira matiz: uma breve retrospectiva histórica do luteranismo. In: KUNZ, Claiton A. (Orgs.). **Revista Batista Pioneira: Bíblia, teologia e prática**. v. 05, n. 01, jun. 2016. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2016. p. 28.

2.3.1.1 Tentativas de reforma interna na Igreja Católica antes de Lutero

Antes da Reforma Protestante houve tentativas de fazer parar o declínio do prestígio e do poder do papa através de reformas internas de várias espécies. Os problemas representados por um papado corrupto e extravagante fomentaram o ímpeto que levou os místicos e os reformadores, como Wycliffe, Hus e Savonarola, os concílios reformadores do séc. XIV e os humanistas bíblicos a procurarem formas de produzir um reavivamento na vida espiritual dentro da Igreja Católica.¹⁹⁸

Para isso, a Igreja precisaria voltar à pureza original do Cristianismo do Novo Testamento, tornando a Bíblia como sua autoridade final. Segundo Cairns, “os reformadores, e muitos outros que os precederam, procuraram malgradadamente reformar a Igreja Católica Romana medieval a partir de dentro, mas foram forçados a deixar a velha organização.”¹⁹⁹ O objetivo era reformar a velha Igreja, não fundar outras. Mas a relutância da Igreja para mudanças, e outros fatores, tornaram inevitável a Reforma do jeito como aconteceu.²⁰⁰

2.3.1.2 O início da Reforma Protestante por Lutero

Lutero nasceu no dia 10 de novembro de 1483, em Eisleben, uma cidade mineradora da Saxônia, Alemanha. Seus pais lhe deram a melhor educação que podiam, com o objetivo de ver seu filho atuando como advogado, enviando-o à Universidade de Erfurt. Em 1505, a morte de um de seus colegas de classe o deixou profundamente abalado. Além disso, neste mesmo ano Lutero escapou por pouco de ser morto por um raio. Estes dois fatores contribuíram muito para a tomada da decisão de tornar-se monge, contra a vontade de seu pai, que ficou profundamente decepcionado com seu filho.²⁰¹

Neste mesmo ano, Lutero ingressou em um mosteiro agostiniano, tornando-se sacerdote em 1507. Reconhecendo suas habilidades acadêmicas, um ano depois seus superiores o enviaram para a Universidade de Wittenberg a fim de que obtivesse o diploma em Teologia.²⁰² Em 1510, Lutero viajou para Roma e ficou desiludido com o tipo de fé mecânica que encontrou lá. Poucos anos depois, voltou para Wittenberg como doutor em Teologia, para ensinar disciplinas relacionadas à Bíblia. Em 1515, começou a lecionar sobre a

¹⁹⁸ CAIRNS, 1995, p. 199.

¹⁹⁹ CAIRNS, 1995, p. 224.

²⁰⁰ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 81.

²⁰¹ NOLL, Mark A. **Momentos decisivos na história do cristianismo**. Tradução de Alderi Souza de Matos. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. p. 164.

²⁰² WALKER, 2006, p. 493.

epístola de Paulo aos Romanos. As palavras de Paulo no texto bíblico consumiram a alma de Lutero, por perceber as incoerências da Igreja na época.²⁰³

Diante destas conclusões, em 1517 Lutero formulou noventa e cinco teses, difundindo-as grandemente na universidade de Wittenberg. Porém, no final deste mesmo ano, ele se sentiu compelido a falar para um público ainda maior. No dia 31 de outubro de 1517, Martinho Lutero pregou as suas teses na porta da igreja do castelo de Wittenberg, que servia como painel para a fixação dos boletins e avisos da universidade, comprando assim uma imensa briga com a Igreja Católica, pois criticava uma das grandes fontes lucrativas da igreja, bem como a autoridade papal.²⁰⁴

Além de falar contra as indulgências, as 95 Teses pregavam sobre toda a corrupção da Igreja e pressionavam para que uma nova compreensão da autoridade do papa e das Escrituras fosse adotada.²⁰⁵ Segundo Curtis, em “um primeiro momento, parecia que Lutero esperava que o papa concordasse com ele sobre o abuso na questão das indulgências. Conforme a controvérsia continuou, Lutero, porém, solidificou sua oposição ao papado”.

Diante desse fato, Lutero enfrentou uma forte oposição da Igreja Católica e do Papa Leão X, que expediu uma bula em 1520, exigindo seu arrependimento. Como o arrependimento não aconteceu, em 1521 Lutero foi excomungado da igreja. Segundo Gonzalez, “O papa afirmou que os livros de Lutero deveriam ser queimados. Já Lutero, ao receber a bula papal, queimou-a juntamente com os demais livros que continham as doutrinas papistas. Este protesto representou um rompimento definitivo com as ideias da Igreja.”²⁰⁶

O rompimento representava perigo de morte para Lutero. Então, seu patrono Frederico, o Sábio, mandou que algumas pessoas resgatassem Martinho, e em segredo, levassem-no ao castelo de Wartburgo. Ali escondido e em segurança, trabalhou por dois anos na tradução do Novo Testamento para o alemão popular, e mais dez traduzindo o Antigo Testamento.²⁰⁷ De acordo com Modes,

Este tempo empenhado na tradução foi de grande valor, pois deu novo ímpeto ao movimento do reformador, bem como deu forma ao idioma alemão. Neste tempo Lutero também escreveu cartas para os seus

²⁰³ CURTIS; LANG; PETERSEN, 2003, p. 110.

²⁰⁴ WALKER, 2006, p. 496-497.

²⁰⁵ CURTIS; LANG; PETERSEN, 2003, p. 109.

²⁰⁶ GONZALEZ, Justo L. **A era dos reformadores**. Tradução de Itamir Neves de Sousa. São Paulo: Vida Nova, 1983. v. 6, p. 61-64.

²⁰⁷ WALKER, 2006, P. 504-505.

colaboradores, mantendo constante comunicação com os que apoiavam a sua causa.²⁰⁸

Um dos maiores legados de Lutero foi sua preocupação em deixar as Escrituras acessíveis ao povo, na sua própria língua.²⁰⁹ Enquanto o grande humanista Erasmo (1466-1536), que também quis reformar a Igreja, escrevia em latim para ser lido nos círculos acadêmicos de toda a Europa, Lutero normalmente usava a estratégia oposta. Escrevia em vernáculo, de modo que sua mensagem pudesse ser compreendida pelas pessoas comuns.²¹⁰ É importante ressaltar que Lutero não foi o primeiro a traduzir as Escrituras para o alemão, porém a tradução de Lutero foi muito superior a Vulgata, pois foi feita a partir do grego original, e era fácil de ler.²¹¹

Em princípio, Lutero desejava apenas reformar a sua antiga Igreja, mas, por conta da forte oposição à verdade, não teve outra escolha a não ser formar uma nova comunidade de fé, que veio a ser contrária às ideias sua antiga igreja.²¹² Em retrospecto, parece que os acontecimentos da Reforma devem muito à personalidade única de Lutero. Nas palavras de Curtis, Lang e Petersen, Lutero “viveu em um tempo propício às mudanças e era o homem indicado para fazer com que acontecessem.”²¹³

2.3.1.3 Demais reformadores na Europa

A Reforma e suas ideias se espalharam rapidamente pelo território da Alemanha.²¹⁴ Os colaboradores de Lutero continuaram dando forma à Reforma colocando em prática as ideias do reformador: muitos monges e freiras deixaram os conventos e se casaram; o culto foi simplificado e realizado na língua alemã; já não se faziam mais missas pelos mortos; passaram a dar o cálice também aos leigos e imagens foram derrubadas por muitos dos seus seguidores.²¹⁵

Ao mesmo tempo em que a Reforma avançava na Alemanha, ela também se iniciava na Suíça, sob o comando de Ulrico Zuínglio. Na Escócia, John Knox retorna a seu país para liderar a Reforma. Sob a liderança de Henrique VIII, a Inglaterra se afastou da Igreja Católica,

²⁰⁸ MODES, 2016, p. 30.

²⁰⁹ KUNZ, 2017, p. 40.

²¹⁰ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 82-83.

²¹¹ WALKER, 2006, 505-506.

²¹² MODES, 2016, p. 26.

²¹³ CURTIS; LANG; PETERSEN, 2003, p. 111.

²¹⁴ MODES, 2016, p. 32.

²¹⁵ GONZALEZ, 1983, p. 76.

e Tomás Cranmer, arcebispo de Cantuária, contribuiu para levar a Inglaterra também em direção a Reforma.²¹⁶ Enquanto as nações latinas continuaram fiéis ao papa, a Reforma atingiu os povos de origem teutônica no norte e no oeste da Europa, provocando mudanças vitais que fizeram com que uma Igreja Católica Romana fosse substituída na Europa ocidental por igrejas nacionais, igrejas estas que tomaram a Bíblia como autoridade final e entendiam que não era necessário nenhum mediador humano entre o homem e Deus para a obtenção da salvação, já adquirida por Cristo na Cruz para todos.²¹⁷

2.3.2 O uso da Imprensa de Gutemberg pelos reformadores

Com a evolução da Reforma Protestante na Europa, os reformadores utilizaram-se da revolução comunicacional gerada pela invenção da imprensa de Gutenberg como ferramenta estratégica para comunicar suas mensagens.²¹⁸ Para Curtis, Lang e Petersen, “com a criação da máquina de impressão, Lutero e os outros reformadores poderiam fazer com que a Palavra de Deus ficasse disponível a todo jovem do campo e a qualquer empregada doméstica.”²¹⁹ O próprio Martinho Lutero saudou a nova técnica de impressão como “a maior graça de Deus”.²²⁰

Pregadores protestantes enviavam suas pregações para impressão, e panfletos eram usados como meios de comunicação em massa. Mais de 80% dos livros em alemão publicados no ano de 1532 tratavam da reforma da Igreja. A Bíblia também vendia muito na época, especialmente o Novo Testamento e os Salmos. Um único impressor em Wittenberg, Hans Lufft, vendeu cem mil cópias entre 1534 e 1574. Na França, protestantes franceses usavam a imprensa para dar publicidade às suas ideias em 1534. Na Suíça, grandes cartazes e placas atacando a massa católica foram impressos, contrabandeados para a França e colocados em lugares públicos, até mesmo na porta do quarto do rei.²²¹

Graças ao novo meio de comunicação, Lutero não pôde ser silenciado da mesma maneira como o foram outros reformadores, a exemplo do reformador tcheco Jan Hus (1369-1415), cujas ideias em diversos aspectos eram parecidas com as de Lutero e que foi morto na fogueira. Na realidade, pouco teria ajudado à Igreja Católica queimar Lutero como herege,

²¹⁶ CURTIS; LANG; PETERSEN, 2003, p. 111-123.

²¹⁷ CAIRNS, 1995, p. 231.

²¹⁸ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 82.

²¹⁹ CURTIS; LANG; PETERSEN, 2003, p. 102-103.

²²⁰ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 36.

²²¹ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 61-84.

uma vez que seus escritos estavam disponíveis em grande número e a preços bastante razoáveis. Nesse sentido, a impressão gráfica converteu a Reforma em uma revolução permanente.²²²

Sem a invenção de Gutenberg, talvez os objetivos da Reforma tivessem levado mais tempo para serem alcançados.²²³ A impressão ajudou a garantir a sobrevivência da Reforma Protestante, tornando impossível suprimir a sua mensagem, ainda que tentativas do tipo vieram da Igreja Católica.²²⁴ O protestante inglês John Foxe, por exemplo, pregou que "o papa deve abolir o conhecimento e a impressão gráfica, ou esta, a longo prazo, vai acabar com ele."²²⁵ É exatamente isso que tentou-se fazer através da Contra Reforma.

2.3.3 Resultados da estratégia de comunicação usada pelos reformadores e seus desafios

A Igreja Católica, sentindo-se ameaçada pelo avanço da mensagem protestantes na Europa, reagiu com a Contra Reforma. Nela, eles não responderam aos desafios protestantes usando os mesmos meios de comunicação, pelo menos não na mesma escala ou para o grande público. Também não produziram tantos panfletos para defender a Igreja quanto os protestantes para atacá-la. Não fizeram suas próprias traduções da Bíblia, pois achavam perigoso.²²⁶ Porém, a sua arma foi a inquisição.

A prática da inquisição - por meio da qual confissões eram arrancadas da boca dos "hereges" por meio de torturas que os faziam confessar tudo o que o inquisidor quisesse²²⁷ - se estabeleceu em 1547, através do qual protestantes foram perseguidos e mortos. Livros foram queimados em praças públicas, além de impor severas restrições à leitura da Bíblia, alegando que as pessoas eram incapazes de interpretá-la.²²⁸ Um sistema de censura foi criado e difundido pela Igreja Católica; chamado de "Índex dos Livros Perdidos", era um catálogo — ou um "*anticatálogo*" — de livros impressos que os fiéis estavam proibidos de ler. Segundo Briggs e Burke:

Pode-se dizer que o Índex foi uma invenção que funcionou como um antídoto ao protestantismo e à impressão gráfica. Tratava-se de uma tentativa de

²²² BRIGGS; BURKE, 2006, p. 83.

²²³ CURTIS; LANG; PETERSEN, 2003, p. 102.

²²⁴ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 88.

²²⁵ ESPÍNDOLA, Sara H. **Martinho Lutero 500 anos: estudo de uma indignação ética em comunicação**. Palhoça: UNISUL, 2015. p. 51.

²²⁶ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 88.

²²⁷ WACHHOLZ, Wilhelm. **História e teologia da Reforma: introdução**. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 13.

²²⁸ THIESEN, Henry Clarence. **Palestras em Teologia Sistemática**. São Paulo: Batista Regular, 1994. p. 48.

lutar contra as publicações usando publicações. O Index [...] começava com uma série de regras gerais proibindo três tipos principais de livros: os heréticos, os imorais e os mágicos. Seguiu-se uma lista de autores e títulos, sendo aqueles divididos em primeira classe (todos os seus escritos eram proibidos) e segunda classe (somente alguns trabalhos estavam proibidos). A maioria dos livros listados pela Igreja era dedicada à teologia protestante.²²⁹

Em contrapartida, para enganar mais facilmente os católicos, os livros protestantes traziam os nomes de cidades católicas na capa; alguns editores chegavam a imitar a tipografia das gráficas católicas de Paris, Lyon ou Antuérpia. Os impressores protestantes disfarçavam suas identidades, enquanto o lugar da publicação, se caso fosse mencionado, geralmente era falso. Contrabandeava-se para a Espanha livros normalmente não encadernados, Bíblias escondidas em peças de fazenda e pequenos catecismos disfarçados como pacotes de cartas de jogar.²³⁰

Lutero, por exemplo, ao completar sua tradução em 1526, enviou os exemplares à Inglaterra secretamente em peças de fazenda, sacas de farinha de trigo, etc. Porém, a Igreja Católica tentando acabar com esta tradução, fez com que o bispo de Londres comprasse todas as cópias que pôde achar e as queimou em St. Paul's Cross. Felizmente, ainda mais cópias emanaram pelo dinheiro das que o bispo comprou.²³¹

Devido às perseguições oriundas da inquisição que obrigaram os reformadores a fugir dum país para outro, ainda mais países da Europa receberam a mensagem protestante. Os luteranos dominaram o cenário religioso na Alemanha e na Escandinávia. Os calvinistas fizeram adeptos na Suíça, Escócia, Holanda, França e Hungria. Os ingleses estabeleceram a igreja anglicana oficial, e os anabatistas, eram fortes em países como a Holanda.²³² Nesses países, além do resultado religioso, a Reforma contribuiu em diversas esferas da sociedade.

Segundo Cairns:

A Reforma ajudou a criar um interesse pela educação elementar porque, já que se podia interpretar a Bíblia livremente, era necessário algum conhecimento. Todos os reformadores deram atenção especial à criação de escolas com três níveis de educação: elementar, secundário e universitário. A Reforma também estimulou o surgimento da ciência empírica. A afirmação da igualdade espiritual dos homens levou à afirmação análoga da igualdade política. Desta forma, a Reforma, particularmente onde as ideias calvinistas foram aceitas, promoveu o surgimento da democracia na igreja e no estado.

²²⁹ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 57.

²³⁰ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 60.

²³¹ MEIN, 1986, p. 66.

²³² CAIRNS, 1995, p. 288.

[...] A Reforma também estimulou o capitalismo [...] A ênfase sobre a poupança, sobre o trabalho, sobre a necessidade de se evitar as diversões mundanas caras resultou na provisão de recursos que seriam usados como capital para novas aventuras econômicas.²³³

Com isso, é possível perceber que Deus, em sua soberania, levantou muitas pessoas, desde homens que buscavam viver as Escrituras verdadeiramente, até um simples homem que inventou uma revolucionária tecnologia de comunicação, para recolocar a Igreja e a sociedade nos caminhos bíblicos.²³⁴ Wycliffe, Huss, Lutero, Calvino, Zwinglio, e até, por que não, Johannes Gutenberg, foram usados por Deus em sua Missio Dei no início da Idade Moderna, ação esta que, por sua vez, produz frutos até hoje.

²³³ CAIRNS, 1995, p. 291.

²³⁴ KUNZ, 2017, p. 7.

III AS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO CONTEMPORÂNEAS E SEU IMPACTO NA MISSIO DEI

A utilização dos recursos tecnológicos de comunicação na propagação do evangelho é um comportamento repleto de precedentes. Historicamente, os servos de Deus comunicaram a mensagem utilizando as ferramentas de seu tempo. Muitos deles grafaram a revelação que receberam com pena e tinta de caligrafia, tornando, assim, a mensagem divina disponível à sua geração e às gerações futuras. Os autores do Novo Testamento, por exemplo, foram comunicadores tão bem-sucedidos que a mensagem que divulgaram teve um alcance muito além da própria localização geográfica e continua reverberando em todo o mundo.²³⁵

Era digital, mundo virtual, sociedade online, são alguns dos diversos termos que vêm se incorporando ao cotidiano da sociedade e à sua linguagem a fim de definir um espaço sem fronteiras, no qual impera o imediato e multiplicam-se as possibilidades. A geração atual é testemunha de transformações abruptas num curto período de tempo como nunca antes na história.²³⁶ As novas tecnologias da comunicação e informação surgiram e proliferaram-se de uma forma tão veloz, que é necessário tempo para absorvê-las, digeri-las e dominá-las. Nesse caso, o mais comum é que se passe a utilizar tais tecnologias, incorporando-as à vida cotidiana, percebendo o quanto tais recursos favorecem novas formas de estar no mundo e construir relacionamentos.²³⁷

3.1 As tecnologias de comunicação contemporâneas: de Gutemberg à Internet

Em todos os países do mundo, na idade do vapor, bem como na subsequente idade da eletricidade, tornou-se motivo de orgulho ser o primeiro a registrar uma invenção. Era objeto de disputa que país ou indivíduo seria responsável por uma invenção, tendo o desejo de novidade e poder como fomento. Nesse tempo, ciência e a tecnologia eram uma coisa só. Em 1840, o termo “cientistas” começava a entrar em uso, enquanto a palavra “tecnologia” foi cunhada em francês.²³⁸

²³⁵ OLIVEIRA, Jairo de. “Os novos rumos na pregação do evangelho” LOPEZ, Neri. **Cristianismo pós-pandemia: impacto e oportunidades**. São Paulo: Vida, 2020. p. 137.

²³⁶ CARVALHO, Diogo da Cunha. “Culto on-line: exegese da palavra, exegese do mundo” **Revista Batista Pioneira: Bíblia, teologia e prática**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, v. 09, n. 01, jun. 2020. p. 68.

²³⁷ WAGNER, Adriana. **Adolescência & comunicação virtual**. São Leopoldo: Sinodal, 2009. p. 7.

²³⁸ TORI, Romero. **Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem**. São Paulo: Senac, 2010. p. 213.

As invenções começaram a surgir cada vez mais rapidamente, uma vez que, a revolução industrial começava a dar as caras, e a tecnologia vinha paralelamente em evolução com a economia. Segundo Briggs e Burke, nesse período as noções de velocidade e distância sofreram transformações, tendo o número de informações disponíveis elevado e o tempo passado entre uma invenção e o conhecimento a seu respeito diminuiu para uma pequena fração do que costumava ser. O conceito de revolução industrial precedeu o de revolução da comunicação, tendo a ferrovia e o barco a vapor como propulsão para um conjunto de novos meios de comunicação: telégrafo, rádio, cinema e telefonia.²³⁹

3.1.1 Tecnologias de comunicação do início da Idade Moderna ao século XX

A revolução Industrial e a "revolução da comunicação" podem ser vistas como parte do mesmo processo. Em 1800, o motor a vapor tinha se estabelecido como a mais importante das invenções, sendo visto na época como o grande marco da história humana, do qual muitas outras invenções dependiam. Uma delas veio a ser a evolução da imprensa. Em 1814, uma enorme prensa a vapor feita de ferro foi patenteada na Inglaterra por Frederick Koenig. A invenção não somente poupava mão-de-obra, mas tornou possível a produção de mil exemplares por hora.²⁴⁰

Outro meio que foi grandemente influenciado pelo motor a vapor foi o sistema de transporte. As ferrovias começaram a surgir com seus "cavalos de aço". A Grã-Bretanha liderou o desenvolvimento ferroviário 40 anos após a invenção da máquina a vapor por Watt.²⁴¹ Estradas de ferro tomaram conta dos Estados Unidos com enorme velocidade. Havia cerca de 90 mil quilômetros de trilhos em 1865; no meio da década de 1870, o número alcançava os 320 mil.

Em 1845, já havia nove países na Europa que tinham ferrovias - tendo a Grã-Bretanha exportado grande parte do ferro e das locomotivas; em 1855, eram quatorze Fora da Europa, em 1855 havia ferrovias em cinco continentes. Em 1900, a Índia tinha mais de 40 mil quilômetros de trilhos, alguns dos mais caros do mundo, enquanto a Grã-Bretanha tinha 29

²³⁹ BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia:** de Gutenberg à internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 109.

²⁴⁰ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 111-117.

²⁴¹ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 126-129.

mil, a França, 36 mil, a Alemanha, 53 mil, a Rússia, 37 mil, o Canadá, 28 mil e os Estados Unidos, impressionantes 418 mil quilômetros.²⁴² Segundo Briggs e Burke:

O desenvolvimento das ferrovias na era do 'capitalismo carbonífero' não só revelou aos passageiros uma velocidade impressionante, como gerou também uma enorme demanda por carvão e ferro, baixou os custos dos negócios, desenvolveu mercados, estimulou o emprego em muitas indústrias e criou outras novas comunidades.²⁴³

Outro meio de transporte a evoluir foi o da navegação. O desenvolvimento do vapor para transporte na água aconteceu primariamente entre 1785 e 1807, tendo contribuição de mecânicos de diversos países. O primeiro barco a vapor a fazer uma viagem oceânica foi o Phoenix, do coronel John Steven, navegando mais de 20 quilômetros em 1809. O Savannah cruzou o Atlântico dez anos depois. Somente em 1839, o navio britânico Sirius completou uma viagem transatlântica totalmente impulsionada a vapor - em 18 dias e dez horas. Estima-se que entre 1776 e 1940, mais de 30 milhões de imigrantes da Europa atravessaram o atlântico para chegar aos Estados Unidos, muito mais rapidamente com o vapor.²⁴⁴

As ferrovias e os navios transportavam não somente pessoas e mercadorias, mas também cartas, cartões-postais, jornais e livros - meios de comunicação, tanto nacionais quanto internacionais. Foi, então, que o correio pela primeira vez aumentou significativamente sua velocidade. A exemplo, em Londres, quase a metade das 161 milhões de cartas em 1863, vinha da própria cidade e era entregue 12 vezes por dia dentro de seu perímetro.²⁴⁵

Além do vapor, outra invenção também revolucionou a comunicação um século depois: a energia elétrica. Com ela foi possível o desenvolvimento do telégrafo, o primeiro avanço da área de eletricidade e a primeira invenção elétrica a transmitir mensagens públicas e privadas a longa distância. O telégrafo foi criado por Samuel Morse (1791-1872) – filho de pastor e pastor, tendo como sua primeira transmissão por código Morse o texto de Números 23.23. Morse foi quem inventou um código de pontos e traços que podia ser lido à velocidade de 40 palavras por minuto e se tornou de uso universal para transmissão telegráfica. Os

²⁴² BRIGGS; BURKE, 2006, p. 130-131.

²⁴³ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 129.

²⁴⁴ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 131-132.

²⁴⁵ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 134-136.

instrumentos básicos dos operadores de Morse eram uma chave, um relé e um sonorizador, um registrador, uma bateria e uma troca de circuito.²⁴⁶

Posteriormente, o aprimoramento da telegrafia aconteceu em países diferentes, de formas independentes, em um processo cumulativo de conhecimento. Cabos para telegrafia foram colocados por submarinos oceânicos, um empreendimento que teria sido impossível sem o desenvolvimento e a expansão do transporte marítimo a vapor. Em 1854, para cada cem habitantes, havia 6,6 postos telegráficos na Suíça, contra os 5,6 da Grã-Bretanha. O fluxo de informações por telegrafia incluíam negócios familiares, informação pública, privada e governamental, planejamento e as operações militares e comércio nacional e internacional.

247

A telefonia surgiu como uma evolução da telegrafia, já que a mensagem poderia agora transmitida por áudio, e não somente por escrita. A história do telefone começou em março de 1876, quando Alexander Graham Bell (1847-1922), inventor norte-americano, mas nascido na Escócia, patenteou sua invenção como sendo “um melhoramento na telegrafia”. Bell veio a demonstrar na Exposição Internacional da Filadélfia, em 1876, a primeira chamada telefônica, que foi para o seu sócio Thomas Edison.²⁴⁸

No início, a comunicação era em um só sentido, porém, posteriormente aprimoramentos foram sendo desenvolvidos, como a comunicação em dois sentidos, mesas e estações telefônicas e o telefone móvel, sem a necessidade de cabos. Recebido no início com incredulidade, no século XX o telefone viria a se tornar uma necessidade para muitas pessoas, tanto no trabalho quanto em casa. [...] A revista *Scientific American* já havia sugerido em 1880, com muita acuidade, que o telefone levaria:

a uma nova organização da sociedade — um estado de coisas em que qualquer indivíduo, mesmo completamente isolado, poderá ligar para qualquer outro indivíduo da comunidade, poupando infindáveis complicações sociais e comerciais, sem necessidade de idas e vindas.²⁴⁹

Quase na mesma época, o rádio foi outra tecnologia de comunicação inventada. Em 1895, Oliver Lodge inventou um “rádio coesor”, como o chamou – um receptor de onda hertziana tendo um fio de ferro dentro de um tubo. No ano seguinte, Guglielmo Marconi vindo

²⁴⁶ LAGO, Davi. **O crente e a mídia**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=c_eWqm4-V10. Acesso em: 01 jul. 2021.

²⁴⁷ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 140.

²⁴⁸ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 145-147.

²⁴⁹ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 147.

da Itália, chegou a Londres e fundou a *Wireless Telegraph and Signal Company*, uma companhia especializada em transmissão sem fio. Marconi se concentrou principalmente em planejar e vender equipamentos sem fio a clientes comerciais de grande escala, ao governo para fins militares – principalmente na Primeira Guerra Mundial - e a realza.²⁵⁰

Houve uma imediata reação de entusiasmo por parte do público sobre o meio de transmissão das mensagens de Marconi, a inicialmente chamada “telegrafia sem fio”. O potencial só se tornou evidente para a maioria das pessoas, e também para especialistas que falavam como autoridades sobre o assunto, quando o rádio entrou nas casas, primeiro nos Estados Unidos e depois na Grã-Bretanha e na Holanda. Por volta de 1925, havia 5,5 milhões de aparelhos em uso nos Estados Unidos, e em 1930, aproximadamente 14 milhões, praticamente metade do total mundial.²⁵¹

Logo o rádio se tornou um meio de comunicação de massa. Era usado para transmitir música popular, programas religiosos, cobertura completa de notícias e comentários sobre elas, humor, esporte e política. O rádio alcançou a população mundial, mesmo nos lugares mais remotos. Segundo Briggs e Burke, “o rádio era ‘um bom companheiro’, consolando e entretendo, informando e educando, além de oferecer, em qualquer lugar, conforto para cegos, doentes, solitários e os que estavam confinados em suas casas.”²⁵²

Também no século XIX, as primeiras câmeras fotográficas começaram a surgir na França, na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. Rapidamente, aprimoramentos foram sendo desenvolvidos, possibilitando a fotografia em três cores, e posteriormente, a tecnologia de “imagem em movimento” por Eadweard Muybridge (1830-1904), que nada mais era que várias fotos tiradas em uma fração de tempo, formando uma sequência de modo a transmitir um sentido de movimento.²⁵³

A nova tecnologia possibilitou a criação de filmes. Mesmo que bastante curtos no seu início, rapidamente uma nova plateia de massa se formava para assisti-los, plateia muito maior que a do teatro, no que seria chamado a “era do cinema”. A primeira sala de cinema foi aberta em Pittsburgh em 1905, nos Estados Unidos. Hollywood já tinha suas “estrelas de cinema”, entre elas Charles Chaplin (1889-1977), natural de Londres, ex-artista de teatro. Em Liverpool, entre 1913 e 1932 o número de cinemas aumentou de 32 para 69, enquanto o

²⁵⁰ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 155-156.

²⁵¹ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 157-163.

²⁵² BRIGGS; BURKE, 2006, p. 218-230.

²⁵³ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 166-168.

número de teatros caiu de 11 para 6. Estimava-se em 1932 que pelo menos quatro em cada dez pessoas em Liverpool iam ao cinema uma vez por semana. Além do cinema, câmeras também eram vendidas no comércio para uso doméstico, como é o caso das baratas câmeras Kodak, tendo 90 mil delas vendidas em cinco anos.²⁵⁴

Com o crescente desenvolvimento da cinematografia, surgiu a necessidade de poder assistir a filmes no conforto de sua própria casa, sem precisar do deslocamento até o cinema. A invenção da televisão se deu por volta de 1930, mas foi somente após a Segunda Guerra Mundial que a tecnologia se tornou popular e cobiçada. A produção de aparelhos cresceu consideravelmente entre 1947 e 1952, de 178 mil para 15 milhões; em 1952 havia mais de 20 milhões de aparelhos em uso. Nesta época, mais de um terço da população norte-americana tinha um. Uma audiência realmente de massa começava a crescer explosivamente a cada semana, enquanto o público de cinema diminuía. A ida média semanal ao cinema caiu de 90 milhões em 1948 para 47 milhões em 1956. O número de salas de cinema chegou ao auge em 1945, com 20 mil casas, e depois caiu para 14 mil em 1956.²⁵⁵

A televisão transmitia eventos esportivos, filmes, novelas e programas ao vivo. Eventos históricos como a coroação da rainha Elisabeth em 1953 com cerca de 20 milhões de pessoas assistindo ao vivo, e as primeiras imagens da Lua com 723 milhões em todo o mundo, foram um prelúdio do que foi saudado a “era da televisão”. Em fevereiro de 1955, havia 40,8 milhões de aparelhos no mundo, e em 1960 mais de 90 países tinham estações de televisão.²⁵⁶

Com o processo de industrialização, novas tecnologias de comunicação desenvolveram-se, auxiliadas por novas formas de energia, como o vapor e eletricidade. A televisão precedeu o computador, do mesmo modo que o rádio antecedeu a televisão e as estradas de ferro e os navios a vapor precederam os automóveis e aviões. O telégrafo precedeu o telefone, e o rádio deu início à telegrafia sem fio.²⁵⁷

É importante considerar, porém, que nenhum meio de comunicação eliminou o outro. O velho e o novo coexistiram. A imprensa permaneceu uma força poderosa na década de 1960; a televisão não suplantou o rádio; a ferrovia continuou a ser um importante meio de transporte nos países do Primeiro Mundo, mesmo quando o número de automóveis cresceu enormemente; e as cartas ainda são enviadas pelo correio. No entanto, à medida que os

²⁵⁴ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 167-171.

²⁵⁵ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 176-180.

²⁵⁶ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 252-253.

²⁵⁷ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 112-113.

avanços tecnológicos se aceleravam cada vez mais, as antigas tecnologias eram desafiadas, e, acima de tudo, sua estrutura institucional precisava ser repensada.²⁵⁸

3.1.2 A internet e a comunicação globalizada

Na segunda metade do século XX, quando a televisão estava em seu auge, os computadores digitais eletrônicos operacionais foram planejados de ambos os lados do Atlântico em 1950, para propósitos militares de guerra e da Guerra Fria. O Colossus, o Eniac e o Univac eram máquinas gigantescas, dependentes de milhares de válvulas e nem sempre confiáveis. O modelo das máquinas, porém, mudou radicalmente depois da substituição das válvulas por transistores, que revolucionou os computadores em termos de escala.²⁵⁹

Essa revolução aconteceu quando um engenheiro chamado Jack Kilby, solicitou uma patente em 1959 para um circuito integrado, composto por resistores, capacitores, transistores e díodos em uma única fatia de silício. Com o advento do circuito integrado, um chip de silício de um sexto por um oitavo de polegada, contendo 2.250 transistores miniaturizados, tinha agora a mesma potência do Eniac, que ocupava uma sala inteira. O novo chip tornou possível o desenvolvimento de computadores para todos os tipos de propósitos, deixando de ser considerados para uso militar ou simples máquinas de calcular. Com o tempo e o esforço de empresas como a Intel, Microsoft e Apple, os computadores foram ganhando forma, se tornando menores e mais baratos e obtendo acessórios como mouse, monitor e teclado. Além disso, programas e sistemas operacionais foram desenvolvidos para dar utilidade a inúmeras tarefas, sendo elas domésticas ou empresariais.²⁶⁰

Juntamente com o computador, a nova tecnologia de circuitos integrados possibilitou uma revolução do telefone móvel. Em 1982, já existiam 600 milhões de telefones celulares no mundo. Os números continuaram a crescer a cada ano na Europa e na Ásia, tanto quanto nos Estados Unidos. Logo, o telefone foi obtendo aprimoramentos, como uma visor, a possibilidade de troca de mensagens de texto e, posteriormente com a Apple, o *touch scream*.²⁶¹

Para “dar vida” aos novos aparelhos de comunicação, surge um sistema de rede que possibilitava troca de informações sem precisar do auxílio de cabos: a Internet. Apesar da

²⁵⁸ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 262-263.

²⁵⁹ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 273.

²⁶⁰ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 278.

²⁶¹ WAGNER, 2009, p. 20.

origem mais remota desse sistema de rede sem fio encontrar-se em um projeto militar norte-americano dos anos 1969 chamado ARPANET, no auge da guerra fria, o grande avanço aconteceu entre setembro de 1993 e março de 1994, quando uma rede até então dedicada à pesquisa acadêmica se tornou a rede das redes, aberta a todos. Qualquer computador podia se ligar à Net de qualquer lugar, e a informação era trocada imediatamente.²⁶²

O valor da Net fora das universidades e das unidades militares dependia da ampliação da consciência de suas possibilidades comerciais. Uma nova fase se abriu quando a Net atraiu interesses comerciais e seu uso se ampliou, oferecendo informação, entretenimento e educação. Um dos principais usos da Internet, era o envio de mensagens de correio eletrônico (e-mail). A internet começou a ser comercializada nos Estados Unidos por volta de 1990. Comercialmente no Brasil, ela iniciou em dezembro de 1994, a partir de um projeto-piloto da Embratel, e a partir de 1995 inicia sua expansão.²⁶³

Hoje, a criação da internet tem sido considerada um fato histórico, visto que essa tecnologia revolucionou o planeta e disseminou-se de forma muito rápida mundialmente. A internet não é somente mais uma novidade tecnológica que surgiu para facilitar a vida, ela é uma parte da realidade onde a vida acontece.²⁶⁴ Segundo Lopez:

A internet, com base no seu universo de dados, trouxe à existência uma enxurrada de oportunidades. A partir do seu surgimento, tornou-se possível desenvolver amizades em países jamais visitados, ler todo tipo de publicação em formato digital, estudar em escolas e universidades ao redor do mundo e, até mesmo, ler livros em uma língua desconhecida, com o auxílio de um tradutor virtual. Essas e outras oportunidades estão disponíveis hoje porque a Era Digital suscitou um cenário de integração mundial, possibilitando a comunicação, a interação, o compartilhamento e a divulgação de informações de forma ampla, veloz e eficiente. Esse panorama, repleto de possibilidades, influencia a vida da maior parte da população global e precisa ser considerado pela Igreja em sua tarefa de proclamação do evangelho ao mundo.²⁶⁵

As tecnologias de comunicação desenvolvidas principalmente nos séculos XIX e XX já tem sido usadas pela igreja para a proclamação do evangelho, sendo elas o rádio, o cinema, a televisão e a internet. Um exemplo contemporâneo inspirador de alguém que foi muito exitoso na comunicação das boas-novas por meio dessas tecnologias é o do evangelista Billy Graham. Em um artigo que trata do tema, Benjamin Phillips destaca acerca do ministério de

²⁶² BRIGGS; BURKE, 2006, p. 300-301.

²⁶³ WAGNER, 2009, p. 20.

²⁶⁴ WAGNER, 2009, p. 20-21.

²⁶⁵ OLIVEIRA, 2020, p. 134.

Graham: "aproveitou praticamente todos os desenvolvimentos significativos das comunicações do século XX: jornais, revistas, rádio, televisão, filmes e internet - a fim de lançar a semente do evangelho o mais amplamente possível."²⁶⁶

O campo missionário, até mesmo entre os povos menos alcançados e mais resistentes ao evangelho, também tem sido alvo de investimento tecnológico. Das várias estratégias, uma tem se popularizado entre os missionários: a distribuição de telefones celulares contendo um cartão de memória com o texto da Bíblia na língua local. Em contextos de perseguição religiosa, o arquivo da Bíblia fica estrategicamente escondido e protegido por senha, de forma que somente o usuário consegue ter acesso ao texto bíblico. Desse modo, a tecnologia tem sido uma aliada para disponibilizar a Bíblia em diferentes formatos, como áudio e vídeo, a fim de atender um público ainda mais amplo.²⁶⁷

Outra ferramenta tecnológica utilizada em diversos campos missionários tem sido o MegaVoice.²⁶⁸ Trata-se de um pequeno aparelho de áudio que toca arquivos em vários formatos. Funciona a partir de um painel solar, o que o torna útil mesmo em ambientes onde há falta de energia. O missionário escolhe o que compartilhar: histórias bíblicas, o Novo Testamento ou a Bíblia completa em áudio. Tendo carregado o dispositivo com o material necessário, ele distribui esses aparelhos para pessoas interessadas na mensagem. Assim, o povo obtém acesso às Escrituras em seu próprio idioma e em um formato relevante para eles.²⁶⁹

Outro exemplo do uso de tecnologias vem da Igreja iraniana. Surpreendentemente, cristãos iranianos estão experimentando um dos maiores movimentos de crescimento da Igreja atualmente. No Irã não há liberdade religiosa, o que torna muito difícil o acesso às Escrituras e à literatura cristã em geral. No entanto, o evangelho tem sido pregado ao povo por meio de ferramentas digitais, conforme Jeremy Reynolds comenta: "Não há livros cristãos

²⁶⁶ Preaching Beyond the Stadium: Billy Graham's Use of Technology for Evangelism. **The Ethics and Religious Liberty Commission of the Southern Baptist Convention**. Disponível em: <https://erlc.com/resource-library/articles/preaching-beyond-the-stadium-billy-grahams-use-of-technology-for-evangelism>. Acesso em: 01 jul. 2021.

²⁶⁷ OLIVEIRA, 2020, p. 138.

²⁶⁸ Disponível em: <https://megavoice.com>. Acesso em: 01 jul. 2021.

²⁶⁹ OLIVEIRA, 2020, p. 138-139.

ou literatura disponível no Irã. Os únicos recursos disponíveis para as pessoas que querem saber sobre o cristianismo são a internet e a televisão por satélite".²⁷⁰

A Rádio Trans Mundial faz um trabalho relevante na propagação do Evangelho por meio do rádio, tendo sido uma das pioneiras, entre as rádios cristãs, a disponibilizar toda sua programação via internet. A rádio atua em 190 países e opera programas em mais de 275 línguas. Em virtude de seu alcance mundial, tem cooperado incansavelmente com a propagação do evangelho a todos os povos. Ainda há inúmeros outros exemplos do uso da tecnologia para a proclamação do evangelho que podem ser considerados. Estes serão abordados na sequência, com foco principalmente nas tecnologias oriundas da Internet no século XXI.²⁷¹

3.2 A pandemia do novo coronavírus e a Igreja online

Em dezembro de 2019 surge, na cidade de Wuhan, China, um novo coronavírus, que causou a infecção Covid-19. O nome Covid-19 vem das palavras *Corona Virus Disease* (Doença do Vírus Corona), e 19 se refere ao ano 2019, no qual o vírus surgiu.²⁷² O vírus foi genericamente chamado de o "novo coronavírus", cientificamente SARS-CoV-2, do inglês *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus*. A designação SARS-CoV-2 foi estabelecida pelo grupo de estudo sobre coronavírus do *International Committee on Taxonomy of Viruses*, que assim o denominou por causa de sua relação genética com o SARS-CoV original, causador da epidemia de SARS em 2002-2003.²⁷³

Os doentes iniciais tinham em comum o contato prévio com o mercado de Wuhan, conhecido por vender alimentos da cultura local, como animais considerados exóticos para os ocidentais. Logo a doença da Covid-19 se espalhou pela China, e principalmente no ano de 2020, por todo o mundo. No Brasil, foi decretada emergência de saúde devido à curva exponencial de contágio e à altíssima taxa de internação causada pela doença, levando ao risco de colapso todo o sistema de saúde.²⁷⁴

²⁷⁰ Young People in Iran Coming to Christ Through Satellite TV, Internet, Dreams and Visions. **God Reports**. Disponível em: <https://blog.godreports.com/2011/11/young-people-in-iran-coming-to-christ-through-satellite-tv-internet-dreams-and-visions>. Acesso em: 01 jul. de 2021.

²⁷¹ OLIVEIRA, 2020, p. 140.

²⁷² SIMÕES, Mario K. "Corona antivírus: antídoto vital para proteger seus pensamentos e sentimentos" LOPEZ, Neri. **Cristianismo pós-pandemia: impacto e oportunidades**. São Paulo: Vida, 2020. p. 74.

²⁷³ The New England Journal of Medicine. **A Novel Coronavirus from Patients with Pneumonia in China, 2019**. Disponível em: <https://www.nejm.org/doi/full/10.1056/nejmoa2001017>. Acesso em: 02 jul. de 2021.

²⁷⁴ The New England Journal of Medicine. **A Novel Coronavirus from Patients with Pneumonia in China, 2019**. Disponível em: <https://www.nejm.org/doi/full/10.1056/nejmoa2001017>. Acesso em: 02 jul. de 2021.

Um período longo de intenso isolamento social foi imposto pelos governos estaduais brasileiros. Foram fechadas escolas e universidades, comércios e shoppings, estádios e igrejas. Por decreto governamental, comunidades religiosas não deveriam mais se reunir. Inicialmente, as opiniões nas redes sociais foram diversas, mas pareceu de comum acordo entre pastores que essa não era uma decisão infundada. Questões políticas à parte, não parecia um momento para desobediência civil. Com isso, em todo o país e em vários lugares do mundo, igrejas fecharam suas portas e precisaram pensar em novas estratégias para continuar comunicando o evangelho em meio à pandemia da Covid-19.²⁷⁵

3.2.1 A igreja e as tecnologias de comunicação usadas durante a pandemia

Nos últimos tempos a Igreja em sua totalidade passou a investir em sua presença digital. Contudo, é fato que o advento da pandemia pela Covid-19 foi fator determinante na aceleração desse processo, impulsionando muitas comunidades a um investimento acelerado na aquisição de equipamentos e formação de pessoal para atender à nova realidade de igrejas que precisavam manter sua agenda de atividades mesmo em meio à manutenção do chamado "estado de distanciamento social".²⁷⁶ Como testemunhou Carvalho:

Em tempos de distanciamento social, igrejas no Brasil e no mundo viram se forçadas a interromper os cultos públicos. Líderes eclesiais até então distantes do mundo digital correram para viabilizar transmissões on-line a de manterem-se de algum modo próximos ao rebanho nesse período de isolamento e aflição. A presença da igreja local na internet, que era possível para poucas igrejas — aquelas dotadas de melhores recursos tecnológicos tornou-se, em questão de semanas, uma realidade generalizada. O que vinha se configurando como um lento e gradual processo sofreu uma abrupta aceleração entre os meses de março, abril e maio de 2020, mas não sem gerar dúvidas e desconfortos.²⁷⁷

Diante desse cenário, como muitas igrejas ainda não tinham todo aparato tecnológico, nem o conhecimento necessário, foram obrigadas a improvisar e a buscar orientação com profissionais do meio ou com igrejas irmãs, que já adotavam o *live-stream* e outras mídias digitais para se comunicar com a membresia.²⁷⁸ Lopes testemunhou que eles como igreja foram “obrigados a nos adaptar e a entrar de vez no mundo on-line. As

²⁷⁵ MARTINS, Yago. **Sermões da Pandemia**: encontrando esperança em dias de caos. Brasília: Dois Dedos de Teologia, 2020. p. 21.

²⁷⁶ PEREIRA, Fabiano. “A igreja digital: a era dos podcasts, lives e perfis em mídias digitais” LOPEZ, Neri. **Cristianismo pós-pandemia**: impacto e oportunidades. São Paulo: Vida, 2020. p. 11-12.

²⁷⁷ CARVALHO, Diogo da Cunha. “Culto on-line: exegese da palavra, exegese do mundo” **Revista Batista Pioneira**: Bíblia, teologia e prática. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, v. 09, n. 01, jun. 2020. p. 60-61.

²⁷⁸ LOPEZ, Neri. **Cristianismo pós-pandemia**: impacto e oportunidades. São Paulo: Vida, 2020. p. 172.

transmissões ao vivo de cultos e o uso frequente das plataformas digitais tornaram-se necessários na comunicação com o rebanho.”²⁷⁹

Houve um crescimento considerável da presença da igreja na internet em resposta ao isolamento social ocasionado pela pandemia da Covid-19. Antes possível para poucas igrejas, a transmissão de cultos pelas redes sociais tornou-se, em questão de semanas, uma ação generalizada, mas não sem gerar dúvidas e desconfortos. Aliás, a pandemia de 2020 aceleraria essa difusão digital, inclusive nas faixas etárias que provavelmente não viriam a ter afinidade com a internet tão cedo em circunstâncias normais.²⁸⁰

Neste período, uma das tecnologias de comunicação disponível através da internet mais usada foi a transmissão ao vivo, transmitindo cultos e programações da igreja local e outras atividades correlacionadas. As chamadas *lives* obtiveram adesão porque reúnem características atraentes de diversas plataformas, como: presença forte e cativante da imagem e do som; interatividade dos canais digitais através dos chats abertos ao público, com comentários em tempo real; expectativa do evento gerada pelo horário fixo para sua realização; e facilidade de produção. Este recurso está presente nas mais diversas plataformas, como Facebook, YouTube, Instagram, Twitch e até mesmo Twitter, podendo reunir dezenas, centenas, milhares e, em alguns casos, milhões de pessoas simultaneamente.²⁸¹

Com as transmissões ao vivo, muitas igrejas que nem sequer possuíam uma *fan page* no Facebook, ou um canal no YouTube, passaram a encarar a necessidade de ter de organizar a transmissão das celebrações pela internet.²⁸² Segundo Won, alguns líderes religiosos se adaptaram rapidamente, aprenderam a fazer lives, a transmitir o culto ao vivo, a fazer reuniões e discipulados em salas virtuais e por meio de áudio no WhatsApp e no Telegram.²⁸³ Entretanto, também é fato, por conta da emergência e do despreparo, que muitas dessas comunidades não conseguiram se adaptar virtualmente e ter boa presença na internet.²⁸⁴

3.2.2 Igreja on-line na pós-pandemia: oportunidades e desafios

²⁷⁹ LOPEZ, 2020, p. 7-8.

²⁸⁰ CARVALHO, 2020, p. 59 e 70.

²⁸¹ PEREIRA, 2020, p. 17.

²⁸² LOPEZ, 2020, p. 95.

²⁸³ WON, Paulo. **E Deus falou na língua dos homens: uma introdução à bíblia**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 13.

²⁸⁴ PEREIRA, 2020, p. 12.

Nesse contexto, surgem claras oportunidades para a Igreja ampliar o alcance do anúncio do evangelho. A pandemia de 2020 em questão tem sido um grande canal de ensino para a comunicação ou mesmo para igrejas e ministérios que nem pensavam no assunto anteriormente. É provável que as igrejas continuem a se preocupar em manter uma comunicação on-line eficiente e dar mais atenção a equipamentos, ferramentas e equipe ministerial qualificada para esse tipo de comunicação.²⁸⁵

Outro ponto é que o alcance da Igreja foi ampliado consideravelmente, e agora atende pessoas que antes não participavam das atividades presenciais por impossibilidades diversas, como distância, falta de tempo, timidez, entre outras. Também, este tempo de cultos on-line poderá trazer de volta pessoas que em algum momento se afastaram da igreja. É uma oportunidade de expandir as fronteiras da igreja e do evangelho.²⁸⁶

Além das oportunidades, também surgem novos desafios para a igreja atual. A dificuldade de mensurar o alcance do conteúdo disponibilizado on-line pela igreja gera incertezas. O alcance pode até ser mundial, porém os frutos serão difíceis de medir. Muitos consomem os conteúdos on-line sem manifestar algum tipo de resposta. Mesmo os números sendo “frios”, de acordo com Lopes, é importante considerar que “cada visualização, cada curtida, cada comentário, cada compartilhamento não são apenas números, mas pessoas.”²⁸⁷

Outro desafio é entender a igreja e o culto on-line biblicamente. A interação da igreja on-line possui limitações, comparada à presença física. Logo, é possível existir uma igreja on-line? Muitas opiniões têm surgido acerca do assunto. Segundo Mohler, “nenhuma mídia social eletrônica ou digital pode substituir o que acontece quando o povo de Deus se reúne fisicamente.”²⁸⁸ Vasconcelos complementa que “O ambiente virtual tem aspectos que simulam a realidade corpórea, mas nunca poderá se igualar a ela.”²⁸⁹

Na opinião de Carvalho, “é imprescindível que se encare o culto on-line como medida temporária e provisória – e não algo bastante em si mesmo – enquanto se espera com grande

²⁸⁵ AMÂNCIO, Elis. “Comunicando o Reino durante e após a quarentena” LOPEZ, Neri. **Cristianismo pós-pandemia: impacto e oportunidades**. São Paulo: Vida, 2020. p. 128-130.

²⁸⁶ AMÂNCIO, 2020, p. 130.

²⁸⁷ AMÂNCIO, 2020, p. 125.

²⁸⁸ MOHLER, Albert. **God Be with Us till We Meet Again**. 21 mar. 2020. Disponível em: <https://albertmohler.com/2020/03/21/god-be-with-us-tillwe-meet-again>. Acesso em: 01 jul. de 2021.

²⁸⁹ VASCONCELOS, Ronaldo. **O culto substituto: porque o culto público não pode ser virtual**. Disponível em: <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2020/04/o-cultoustituto-porque-o-culto-publico-nao-pode-ser-virtual/>. Acesso em: 01 jul. de 2021.

a abertura dos templos e o reencontro da igreja em assembleia local.”²⁹⁰ Moufita argumenta a favor dessa visão, falando que “a prova disso é a ansiedade de todos quanto ao retorno dos cultos públicos.”²⁹¹

É possível concluir que reuniões on-line não são ‘falsos’ encontros. O que ocorre é que a internet altera a experiência de tempo e espaço, e cria outra forma de simultaneidade e de presença.²⁹² A questão parece não ser se o culto on-line será um dia capaz de substituir o culto presencial, mas até que ponto poderia fazê-lo sem descaracterizá-lo.²⁹³ Portanto, a comunhão não será substituída pelo digital, mas ele certamente será imprescindível como meio por meio do qual se pode alcançar mais pessoas.²⁹⁴

Em resumo, o período pós-pandemia será um momento essencial para avaliar o que foi feito na comunicação digital das igrejas e dos ministérios. Em seguida, será necessário se adequar às infinitas novidades e ferramentas de comunicação que se tornaram mais relevantes nesse tempo pandêmico. Certo é que, no cenário pós-pandemia quando as programações voltarem ao normal em sua forma presencial, a igreja e os cristãos devem permanecer como produtores de conteúdos relevantes no ambiente da internet.²⁹⁵

3.3 O uso das novas tecnologias de comunicação do século XXI na Missio Dei

Os últimos 10 anos do século XXI se caracterizaram por mudanças vertiginosas nos setores tecnológicos, de comunicação, avanços acelerados da democracia, a universalização dos direitos humanos e pelo surgimento de uma cultura planetária.²⁹⁶ De acordo com o relatório *We Are Social/HootSuite*, divulgado em fevereiro de 2020, no mundo, cerca de 59% da população global utiliza as redes sociais em seus relacionamentos diários, totalizando mais de 4,5 bilhões de usuários, uma população maior comparada à soma dos habitantes da Índia, da China e dos Estados Unidos.²⁹⁷

²⁹⁰ CARVALHO, 2020, p. 76.

²⁹¹ MOUFITA, Samuel. **Ceia do Senhor online, pode?** Facebook: samuelmoutta.jmn. 3 abro 2020. Acesso em: 01 jul. 2021.

²⁹² CARVALHO, Guilherme. 7:22 p.m. 1 abr. 2020. Twitter: @quilhaimevrc. Disponível em: <https://twitter.com/quilhaimevrc/status/1245476637438816257>. Acesso em: 01 jul. 2021.

²⁹³ CARVALHO, 2020, p. 74.

²⁹⁴ AMÂNCIO, 2020, p. 132.

²⁹⁵ WON, 2020, p. 13.

²⁹⁶ FERNANDES, Tomé A. **Igreja, missão e missões**. Rio de Janeiro: UFMBB, 2014. p. 89.

²⁹⁷ BANDEIRA, Rafael. “A mobilização de recursos e a nova igreja” LOPEZ, Neri. **Cristianismo pós-pandemia: impacto e oportunidades**. São Paulo: Vida, 2020. p. 95.

Já o Brasil tem 71% da população conectada, ou seja, cerca de 150 milhões de pessoas on-line. O brasileiro fica conectado em média 9h17min todos os dias. Sendo 3h31min nas mídias sociais, 3h51min assistindo a vídeos sob demanda - conteúdos em Smart TV, canais de televisão, Netflix, YouTube, Prime Video, entre outros -, 1h41min consumindo streamings de música como Deezer e Spotify e 1h 14min consumindo conteúdos em videogames.²⁹⁸ Considerando os números, fica evidente que a internet é um ótimo meio para se exercer a Missio Dei. Segundo Lopez, “Fazer bom uso da tecnologia nos permite transmitir o conhecimento da verdade de forma muito ágil e abrangente.”²⁹⁹

3.3.1 Exemplos de projetos missionários atuais

Segundo a missiologia atual, existem no mundo cerca de 2227 grupos étnicos sem a presença da Igreja no meio deles; cerca de 4 mil povos sem uma Igreja forte para alcançar a sua própria etnia.³⁰⁰ Embora o universo da tecnologia tenha suas armadilhas, o uso de tecnologias de comunicação atuais possuem um grande potencial e é indispensável na viabilização da pregação do evangelho ao mundo. Na sequência serão apresentados alguns exemplos de projetos missionários que tem usado a internet – e novas ferramentas disponíveis dela – para cumprir a Missio Dei atual.³⁰¹

3.3.1.1 Cinema e YouTube

Em 2019, mais da metade do tráfego de informações na web era de conteúdo em vídeo, e a projeção para 2020 é que esse patamar ultrapasse os 80%, segundo Lopez. Isso porque o conteúdo em vídeo tem o poder de comunicar, usando de forma sinérgica os sentidos da visão e da audição, com um índice de retenção de atenção muito superior a outras formas de comunicação. Por conta disso, o investimento em produção de vídeo cresceu nos últimos anos e muito se capacitaram para a produção de conteúdo audiovisual, mesmo que de forma básica. Aliado a isso, o aumento na qualidade de captação de som e imagem pelas câmeras de smartphones popularizaram ainda mais a ferramenta, antes monopolizada por quem possuía caros recursos tecnológicos de captação, edição e distribuição.³⁰²

²⁹⁸ Disponível em: <https://wearesocial.com/digital-2020>. Acesso em: 02 jul. 2021.

²⁹⁹ BANDEIRA, 2020, p. 96.

³⁰⁰ FERNANDES, 2014, p. 89.

³⁰¹ OLIVEIRA, 2020, p. 137.

³⁰² PEREIRA, 2020, p. 15.

Projetos missionários tem se aproveitado desse crescimento e desenvolvido sua missão através da comunicação pelo formato de vídeo. Nesse formato, duas plataformas se destacam: o cinema, através de filmes e séries cristãs; e o YouTube, por meio de canais cristãos. O projeto Jesus Film, baseado no Evangelho de Lucas, é bom um bom exemplo do uso do cinema para a Missio Dei. O filme pode ser acessado gratuitamente a partir do site ou dos aplicativos do Jesus Film e está disponível em mais de 1.800 línguas. O filme tem sido projetado para diversos grupos nos lugares mais inóspitos através de projetores alimentados por painéis solares. Além disso, tem sido assistido por milhares de indivíduos por meio de smartphones.³⁰³

Outro projeto parecido que tem levado muito destaque é a série The Chosen. É uma série baseada nos evangelhos contando a respeito da vida de Jesus e seus discípulos. Ela é desenvolvida pela Angel Studio, e pode ser assistida pelo seu site ou aplicativo. O interessante da série The Chosen é que ela tem sido criada totalmente com recursos doados pelos próprios telespectadores, que podem ofertar - se assim o quiserem - uma quantia em dinheiro para que a série continue sendo produzida. A série atualmente está disponível em muitas línguas e já alcançou 207.524.310 visualizações.³⁰⁴ No Brasil, a Luz em Ação, uma produtora de filmes, tem produzido filmes e séries em solo brasileiro com o propósito de comunicar o evangelho aos não-alcançados.³⁰⁵

Já no âmbito do YouTube – plataforma de vídeos on-line, projetos como The Bible Project e JesusCopy, se destacam. O primeiro, é um canal do YouTube com 2,71 milhões de inscritos que produz vídeos animados com panoramas bíblicos e resumos inteligentes para estimular indivíduos, pequenos grupos e famílias a conhecer melhor a Bíblia.³⁰⁶ Já o segundo, apresentado pelo pastor Douglas Gonçalves, JesusCopy possui atualmente 1,52 milhões de inscritos e produz conteúdo devocional em diversas mídias. Tem como missão formar cristãos parecidos com Cristo.³⁰⁷

3.3.1.2 Website e aplicativos

³⁰³ Disponível em: www.jesusfilm.org. Acesso em: 01 jul de 2021.

³⁰⁴ Disponível em: <https://watch.angelstudios.com/thechosen>. Acesso em: 02 jul. 2021

³⁰⁵ Disponível em: <https://www.luzemacao.com>. Acesso em: 02 jul. 2021.

³⁰⁶ Disponível em: <https://bibleproject.com>. Acesso em: 02 jul. 2021.

³⁰⁷ Disponível em: <http://jesuscopy.com>. Acesso em: 02 jul. 2021.

Outra área da comunicação que tem sido usada para cumprir a Missio Dei são *websites* e aplicativos para smartphone. Dentre as inúmeras plataformas que permitem a programação de *websites* e aplicativos, duas delas foram desenvolvidas especificamente para o uso de igrejas e projetos missionários. São elas: Subsplash³⁰⁸ e InChurch³⁰⁹. Elas permitem a criação de aplicativos e *websites* pensados especialmente para o ambiente eclesial e missional.

Com o propósito também eclesial e missional, alguns aplicativos para smartphone têm sido relevantes entre os cristãos. A Bíblia YourVersion³¹⁰ e a Bible.is³¹¹ são exemplos de aplicativos que disponibilizam a Bíblia on-line para uma variedade de línguas. A exemplo, a Bible.is as Escrituras Sagradas em mais de 1500 idiomas, sendo a maior plataforma mundial de texto, áudio e vídeo da Bíblia disponível gratuitamente.³¹² Além da Bíblia em si, estes aplicativos disponibilizam devocionais diários e planos de leitura, além de inúmeras outras ferramentas que auxiliam na leitura e no estudo do texto bíblico. Por fim, um último aplicativo que foi desenvolvido para a Missio Dei é o Yes He Is³¹³, pensado para produção de conteúdo de evangelismo.

3.3.1.3 Podcast

Outra ferramenta que cresce de forma acelerada no Brasil é o podcast. Considerado quase extinto por aqui há alguns anos, o podcast ressurgiu com força tendo como característica principal a grande segmentação de público, o aumento das áreas de cobertura pelas redes móveis de dados e a popularização de agregadores, como Spotify, Deezer, Google Podcasts e iTunes, por exemplo. Com estes aplicativos, o processo de fidelização mais fácil, porque o download de novos episódios é automático, rápido e fácil, já que os arquivos em áudio são leves. O usuário tem à mão conteúdo de interesse para ouvir enquanto descansa, pratica atividade física, viaja como passageiro ou mesmo enquanto dirige através da conexão do aparelho com o sistema multimídia do veículo.³¹⁴

³⁰⁸ Disponível em: <https://www.subsplash.com>. Acesso em: 02 jul. 2021.

³⁰⁹ Disponível em: <https://inchurch.com.br>. Acesso em: 02 jul. 2021.

³¹⁰ Disponível em: <https://www.bible.com>. Acesso em: 02 jul. 2021.

³¹¹ Disponível em: <https://www.bible.is>. Acesso em: 02 jul. 2021.

³¹² How Technology Can Help Accomplish the Great Commission. **LifeWay**. Disponível em: <https://factsandtrends.net/2016/01/20/how-technology-can-help-accomplish-the-great-commission>. Acesso em: 01 jul. 2021.

³¹³ Disponível em: <https://yesheis.com>. Acesso em: 02 jul. 2021.

³¹⁴ PEREIRA, 2020, p. 16.

Um exemplo cristão de podcast é o projeto BiboTalk³¹⁵, liderado por Rodrigo Bibo de Aquino, que produz podcasts semanais sobre teologia e assuntos diversos que se relacionam com a fé cristã, desde 2011. Já se produziu mais de 400 podcasts, com mais de 7 milhões de downloads.³¹⁶ No que diz respeito à produção, qualquer pessoa com uma boa ideia na cabeça e capacidade de articular bem o discurso, além de estar equipada com um smartphone razoável, já tem praticamente tudo o que é necessário para produzir seu podcast. O Audacity³¹⁷ é uma ótima opção de software de gravação gratuito.³¹⁸

3.3.1.4 *Ensino teológico a distância*

A educação ganhou novas perspectivas com a aprendizagem baseada nas tecnologias interativas. Estão em jogo os critérios de uso desses novos instrumentos tecnológicos, cada vez mais acessíveis — que proporcionaram o acesso das multidões ao conhecimento, antes mediados, necessariamente, por um professor presente, numa dinâmica vertical. A educação a distância com recursos multimídia muda o conceito de presença, tanto do professor quanto do aluno, que passa a ser também virtual, com a inserção de um novo membro nesta equipe: as tecnologias interativas. Essa dinâmica deve ser trabalhada de tal maneira que os laços e a aproximação necessários para a vivência do conhecimento não sejam banalizados.³¹⁹

Um primeiro esforço do ensino a distância aconteceu através da Universidade Aberta da Grã-Bretanha em 1960. A universidade foi pioneira em recrutar estudantes para aprendizado a longa distância, determinada a ampliar o acesso à educação superior e também a empregar novas tecnologias.³²⁰ No Brasil, os meios de comunicação começaram a ser utilizados como ferramentas para a aprendizagem a partir da década de 1970, com base em projetos pioneiros de educação a distância. Naquela época, objetivando a necessidade de disseminação do conhecimento para um público diversificado, as mídias mais utilizadas eram o rádio e a televisão. Hoje, a educação a distância cresceu e se potencializou com a internet, e faz uso de plataformas abertas como o Moodle.³²¹

³¹⁵ Disponível em: <https://bibotalk.com>. Acesso em: 02 jul. 2021.

³¹⁶ WON, 2020, p. 13.

³¹⁷ Disponível em: <https://www.audacityteam.org>. Acesso em: 02 jul. 2021.

³¹⁸ PEREIRA, 2020, p. 16.

³¹⁹ TORI, 2010, p. 7.

³²⁰ BRIGGS; BURKE, 2006, p. 309.

³²¹ TORI, 2010, p. 10.

Logo, seminários e faculdades de teologia têm migrado também para o ensino a distância, possibilitando que vocacionados desenvolvam sua vocação mesmo à distância e a um custo menor que o presencial. É o caso da Faculdade Batista Pioneira³²², que já possibilita cursos de capacitação ministerial on-line e, também, tem ministrado disciplinas no módulo a distância. Em breve, a Faculdade Batista Pioneira contará com o curso completo de Bacharel em Teologia a distância.

3.3.2 Recomendações finais

Num tempo de sobrecarga de informações, a igreja corre o risco de ser apenas mais uma frágil voz que não consegue influir na vida das pessoas. Há sempre o risco da igreja local se tornar tão fechada, hermética, que a linguagem se restringe apenas aos iniciados e afasta novos interessados. Nesse cenário, não ganha quem grita mais alto, mas sim, quem tem a palavra certa, no momento correto, anunciada da melhor maneira possível, com interesse genuíno pela bem do outro.³²³

Saber dominar os canais possíveis de comunicação e envolver a liderança leiga nos esforços de comunicar é algo essencial para frutificar nos dias atuais. Imaginar que ficar fora da Internet não faz diferença para a Missio Dei, é correr o risco de, poupo a pouco, perder a capacidade de influenciar a membresia efetivamente e perder as novas gerações. Obviamente, a proposta de propagação do evangelho por meio do uso de tecnologias não visa utilizar o testemunho virtual para substituir a pregação presencial. Trata-se, entretanto, de uma tentativa de somar esforços.³²⁴ Como explica Lopez:

É propósito de Deus que a Igreja igualmente demonstre identificação com os povos que vão sendo alcançados com o evangelho. Desse modo, ela deve se empenhar na propagação da mensagem em diferentes contextos, fazendo inclusive uso da tecnologia. Ao mesmo tempo, deve fazer o possível para estar presente nesses lugares, através de seus membros. Assim, ela assume condições de dar continuidade ao trabalho da pregação, conduzindo processos de discipulado e moldando a vida cristã dos novos discípulos.³²⁵

Por fim, é importante compreender as enormes possibilidades que o uso da tecnologia proporciona para a Missio Dei. Uma vez que a tecnologia faz parte do cotidiano de

³²² Disponível em: <https://www.batistapioneira.edu.br>. Acesso em: 02 jul. 2021.

³²³ SATHLER, Luciano. **Comunicação e marketing: Igreja é comunicação**. 2008. Disponível em: www.institutojetro.com. Acesso em: 01 jul. de 2021.

³²⁴ SATHLER, Luciano. **Comunicação e marketing: Igreja é comunicação**. 2008. Disponível em: www.institutojetro.com. Acesso em: 01 jul. de 2021.

³²⁵ OLIVEIRA, 2020, p. 142.

todos, ela deve ser aliada na tarefa de fazer discípulos de todas as nações. Portanto, a Igreja deve lançar mão dos recursos tecnológicos disponíveis não apenas para manter seus programas, mas principalmente, deve fazer uso da tecnologia para a proclamação do evangelho e para cumprimento da Missio Dei.³²⁶

³²⁶ OLIVEIRA, 2020, p. 142.

CONCLUSÃO

A utilização dos recursos tecnológicos de comunicação na propagação do evangelho é um comportamento repleto de precedentes. A comunicação é exercida intencionalmente por Deus desde o início da criação bíblica, seja através do uso da voz, como também do uso de milagres, sinais, situações históricas, parábolas, entre outros. Este fato evidencia que o Deus bíblico não faz ressalvas aos meios humanos de comunicação de cada época, antes, usa-os e os molda conforme a sua perfeita vontade. Deus é um Ser comunicador desde o princípio; é quem criou a comunicação e a usou criativamente para cumprir sua Missão na história bíblica.

Assim como Deus se comunicou pessoalmente, também usou homens para comunicar sua mensagem, utilizando as ferramentas de seu tempo. Muitos deles grafaram a revelação que receberam com pena e tinta de caligrafia, tornando, assim, a mensagem divina disponível à sua geração e às gerações futuras. Os autores do Novo Testamento, por exemplo, foram comunicadores tão bem-sucedidos que a mensagem que divulgaram teve um alcance muito além da própria localização geográfica e continua reverberando em todo o mundo.

Da mesma forma aconteceu durante os períodos da Idade Média e Idade Moderna, principalmente, durante a transição entre elas, quando surge a invenção da Imprensa de Gutenberg. Rapidamente replicada e espalhada por toda a Europa, o movimento da Reforma Protestante pôde obter maior relevância e abrangência pela impressão da Bíblia Sagrada, impressão de escritos didáticos pró-reforma e de noticiários locais. É possível perceber que Deus, em sua soberania, levantou muitas pessoas, desde homens que buscavam viver as Escrituras verdadeiramente, até um simples homem que inventou uma revolucionária tecnologia de comunicação, para recolocar a Igreja e a sociedade nos caminhos bíblicos.

Por fim, a Missio Dei realizada com o auxílio de tecnologias de comunicação contemporâneas, pode desenvolver um trabalho missional mais próspero, no qual haverá uma maior abrangência, rapidez e eficácia. É importante compreender as enormes possibilidades que o uso da tecnologia proporciona para a Missio Dei atual, uma vez que a tecnologia faz parte do cotidiano de todos, ela deve ser aliada na tarefa de fazer discípulos de todas as nações. Portanto, a Igreja deve lançar mão dos recursos tecnológicos disponíveis não apenas para manter seus programas, mas, principalmente, deve fazer uso da tecnologia para proclamação do evangelho e para cumprimento da Missio Dei.

Levando em conta que a comunicação se atualiza de tempos em tempos, como foi observado nesta pesquisa, e de que muitas outras tecnologias foram e são usadas para a comunicação, claramente o tema não foi esgotado. Períodos históricos não abordados nesta pesquisa, assim como outras tecnologias que ainda serão inventadas podem ser observados e analisados para uso na Missio Dei. Certamente, um Deus que usou destes veículos para se comunicar, continuará capacitando seu povo para uma melhor comunicação de seu evangelho a todos os povos. Portanto, as tecnologias de comunicação impactam positivamente na Missio Dei, potenciando com efetividade, abrangência e dinamismo.

REFERÊNCIAS

- BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada: Prolegômena**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002. 2891 p.
- BEALE, G. K. **We Become What We Worship: A Biblical Theology of Idolatry**. Downers Grove: IVP, 2008. 341 p.
- BLOMBERG, Craig L. **Introdução aos Evangelhos**. São Paulo: Vida nova, 2017. 560 p.
- BOTTÉRO, Jean; MORRISON, Ken (orgs.). **Cultura, pensamento e escrita**. São Paulo: Átila, 1995. 200 p.
- BRANDT, Walther I. **The Christian in Society**. Philadelphia: Muhlenberg, 1962. p. 360.
- BRAY, Gerald. **História da teologia cristã**. São Paulo: Shedd, 2017. 1376 p.
- BRIGGS, Asa e BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 432 p.
- BROTZMAN, Ellis R. e TULLY, Eric J. **Old Testament Textual Criticism: A Practical Introduction**. 2.ed. Grand Rapids: Baker Academic, 2016. 272 p.
- CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1995. 507 p.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. **O Egito Antigo**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. 114 p.
- CARVALHO, Diogo da Cunha. "Culto on-line: exegese da palavra, exegese do mundo" em **Revista Batista Pioneira: Bíblia, teologia e prática**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, v. 09, n. 01, jun. 2020. 255 p.
- CARVALHO, Guilherme. 7:22 p.m. 1 abr. 2020. Twitter: @quilhermevrc. Disponível em: <https://twitter.com/quilhermevrc/status/1245476637438816257>. Acesso em: 01 jul. 2021.
- CHAMPLIN, Russel Norman. **O Novo Testamento interpretado: versículo por versículo: Lucas e João**. Guaratinguetá: Voz Bíblica, 2001. 1506 p.

CHAPMAN, Stephen B. e SWEENER, Marvin A. (eds.). **The Cambridge Companion to the Hebrew Bible/Old Testament**. Cambridge: CUP, 2016. 540 p.

CURTIS, A. Kenneth; LANG, J. Stephen; PETERSEN, Randy. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China**. São Paulo: Vida, 2003. 240 p.

DANIEL-ROPS, Henry. **A Igreja da Renascença e da Reforma: a reforma protestante**. São Paulo: Quadrante, 1996. 460 p.

DAVIS, John. **Yahweh and the Gods and Goddesses of Canaan**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2000. 290p.

DESILVA, David A. **An Introduction to the New Testament: Contexts, Methods and Ministry Formation**. Downers Grove: IVP Academic, 2004. 1008 p.

DÍAZ, José L. Sicre. **Introdução ao profetismo bíblico**. Petrópolis: Vozes, 2016. 536 p.

DODD, C. H. **Las parábolas del Reino**. Tradução de Alfonso de La Fuente. Madrid: Cristiandad, 1974. 263 p.

DOUGLAS, J. D. (edit.) **O novo dicionário da Bíblia**. Tradução de João Bentes. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. 1424 p.

DREYER, F. C. H.; WELLER, E. **A Bíblia e o catolicismo romano: catolicismo romano à luz das Escrituras**. Tradução de Sabatini Lalli. Teresópolis: Casa Editora Evangélica, 1961. 125 p.

ESPÍNDOLA, Sara H. **Martinho Lutero 500 anos: estudo de uma indignação ética em comunicação**. Palhoça: UNISUL, 2015. 80 p.

FEE, Gordon e STUART, Douglas. **Como ler a Bíblia livro por livro: um guia confiável para ler e entender as Escrituras Sagradas**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. 480 p.

FERNANDES, Tomé A. **Igreja, missão e missões**. Rio de Janeiro: UFMBB, 2014. 111 p.

FERREIRA, Franklin. **A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais**. São Paulo: Vida Nova, 2013. 536 p.

FREITAS, Fernando A. T. **A internet como meio de comunicação para a publicidade:** características, vantagens e desafios. Porto Alegre: UFRS, 2013. 82 p.

GEORGE, Timothy. **Teologia dos reformadores.** Tradução de Gerson Dudus e Valéria Fontana. São Paulo: Vida Nova, 1993. 480 p.

GONZALEZ, Justo L. **A era dos reformadores.** Tradução de Itamir Neves de Sousa. São Paulo: Vida Nova, 1983. 219 p.

GONZÁLEZ, Justo L. **Cultura & Evangelho:** o lugar da cultura no plano de Deus. São Paulo: Hagnos, 2011. 152 p.

GORMAN, Michael J. **Scripture and its Interpretation:** A Global, Ecumenical Introduction to the Bible. Grand Rapids: Baker Academic, 2017. 464 p.

GREEN, J. B. e MCDONALD, L. M. (eds). **The World of the New Testament,** p. 105.

HARRIS, J. R. **O legado do Egito.** Rio de Janeiro: Imago, 1993. 540 p.

HENDEL, Ronald e JOOSTENI, Jan. **How Old is the Hebrew Bible:** A linguistic, Textual, and Historical Study. New Haven: Yale University Press, 2018. 240 p.

HILL, Andrew E. e WALTON, John H. **Panorama do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Acadêmica, 2012. 688 p.

HOOKER, Morna D. **The signs of a Prophet:** The Prophetic Actions of Jesus. Londres: SCM Press, 1997. 142 p.

HURTADO, Larry W. **Destroyer of the Gods.** Londres: Weiden-field & Nicolson, 1999. 285 p.

JUST, Gustav. **Deus despertou Lutero.** 3. ed. Tradução de Gastão Thomé. Porto Alegre: Concórdia, 2012. 136 p.

KAISER JR, Walter C. **Introdução à hermenêutica bíblica.** São Paulo: Cultura Cristã, 2014. 288 p.

KAUTZSCH, E. **Gesenius' Hebrew Grammar.** Mineola: Dover, 2006. 624 p.

KEITH, Chris e HURTADO, Larry. **Jesus among Friends and Enemies: A Historical and Literacy Introduction to Jesus in the Gospels**. Grand Rapids: Baker Academic, 2011. 352 p.

KISTEMAKER, Simon J. **As parábolas de Jesus**. Tradução de Eunice Pereira Souza. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992. 288 p.

KLEIN, William W.; BLOMBERG, Craig L.; HUBBARD JR., Robert L. **Introdução à interpretação bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. 896 p.

KUNZ, Claiton André. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**. Curitiba: A.D. Santos, 2014. 232 p.

KUNZ, Claiton André. (Orgs.) **Os cinco solas da Reforma Protestante**. São Paulo: Rádio Trans Mundial; Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2017. 174 p.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Exodus, 1997. 904 p.

LAGO, Davi. **O crente e a mídia**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=c_eWqm4-V10. Acesso em: 01 jul. 2021.

LASOR, William S.; HUBBARD, David A. e BUSH, Frederic W. **Introdução ao Antigo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2012. 880 p.

LÉVÊQUE, Pierre. **O mundo helenístico**. Lisboa: Edições 70, 1987. 248 p.

LEVI, Peter. **A civilização grega**. Barcelona: Ediciones Folio, 2008. 240 p.

LOPEZ, Neri. **Cristianismo pós-pandemia: impacto e oportunidades**. São Paulo: Vida, 2020. 176 p.

MARTÍNEZ, José M. **Hermenéutica Bíblica**. Terrassa (Barcelona): CLIE, 1984. 588 p.

MARTINS, Yago. **Sermões da Pandemia: encontrando esperança em dias de caos**. Brasília: Dois Dedos de Teologia, 2020. 256 p.

MAZZINGHI, Luca. **História de Israel das origens ao período romano**. Petropolis: Vozes, 2017. 232 p.

MCKNIGHT, Scot. **Reading Romans Backwards**. Grand Rapids: Baker Academic, 2019. Ed. Kindle, posição 199.

MEIN, John. **A Bíblia e como chegou até nós**. Rio de Janeiro: JUERP, 1986. 125 p.

METZGER, Bruce M.; EHRMAN, Bart D. **The text of the New Testament: its transmission, corruption, and restoration**. 4. ed. Oxford: Oxford University Press, 2005. 366 p.

MILLER, Stephen N. e HUBER, Robert V. **A Bíblia e sua história: o surgimento e o impacto da Bíblia**. Barueri: SBB, 2006. 256 p.

MODES, Josemar V. O protestantismo em sua primeira matiz: uma breve retrospectiva histórica do luteranismo. **Revista Batista Pioneira: Bíblia, teologia e prática**. v. 05, n. 01, jun. 2016. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2016. 261 p.

MOHLER, Albert. **God Be with Us till We Meet Again**. 21 mar. 2020. Disponível em: <https://albertmohler.com/2020/03/21/god-be-with-us-tillwe-meet-again>. Acesso em: 01 jul. 2021.

MOUFITA, Samuel. **Ceia do Senhor online, pode?** Facebook: samuelmoutta.jmn. 3 abro 2020. Acesso em: 01 jul. 2021.

MULDER, Martin Jan. **Mikra: text, translation, reading e interpretation of the Hebrew Bible in ancient Judaism e early Christianity**. Peabody: Hendrikson, 2004. 962 p.

NOLL, Mark A. **Momentos decisivos na história do cristianismo**. Tradução de Alderi Souza de Matos. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. 384 p.

PACKER, J. I. **Knowing God**. Downers Grove: IVP, 1993. 288 p.

PEREIRA, Fabiano. "A igreja digital: a era dos podcasts, lives e perfis em mídias digitais" em LOPEZ, Neriél. **Cristianismo pós-pandemia: impacto e oportunidades**. São Paulo: Vida, 2020. 176 p.

REINKE, André. **Os outros da Bíblia: história, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019. 352 p.

RICHARLISON, Don. **O fator Melquisedeque**: o testemunho de Deus nas culturas através do mundo. São Paulo: Vida Nova, 2008. 233 p.

ROBERTSON, O. Palmer. **O Cristo dos Pactos**. São Paulo: Cultura Cristã, 2018. 240 p.

ROGERSON, John. **Terras da Bíblia**. Barcelona: Folio, 2006. 266 p.

SATHLER, Luciano. **Comunicação e marketing**: Igreja é comunicação. 2008. Disponível em: www.institutojetro.com. Acesso em: 01 jul. 2021.

SCHOLZ, Vilson. **Um método de estudar as parábolas de Jesus**. In: SIMPÓSIO, v. 7, ano XXI, n 33, ASTE, dez/1999. 106 p.

SHIGUEMOTO, S.; SIQUEIRA, R. W. **YHWH**: a identidade do Deus de Israel. São Paulo: Revista Kerygma, Unasp, 2011. p. 69-85.

SILVA, Antonio Gilberto da. **A Bíblia através dos séculos**: uma introdução. Rio de Janeiro: CPAD, 1986. 200 p.

STOWERS, Stanley K. **Letter Writing in Greco-Roman Antiquity**. Philadelphia: The Westminster Press, 1986. 188 p.

THIESSEN, Henry Clarence. **Palestras em Teologia Sistemática**. São Paulo: Batista Regular, 1994. 396 p.

THOMAS NELSON BRASIL. **Sua Bíblia**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. 1107 p.

TILLICH, Paul. **História do pensamento cristão**. 5. ed. São Paulo: ASTE, 2015. 293 p.

TOGNINI, Enéas. **O Período Interbíblico**: 400 anos de silêncio profético. São Paulo: Hagnos, 2009. 224 p.

TORI, Romero. **Educação sem distância**: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem. São Paulo: Senac, 2010. 270 p.

VASCONCELOS, Ronaldo. **O culto substituto**: porque o culto público não pode ser virtual. Disponível em: <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2020/04/o-cultoubstituto-porque-o-culto-publico-nao-pode-ser-viltual/>. Acesso em: 01 jul. 2021.

VOGT, Peter. **Interpretação do pentateuco**: Um prático e indispensável manual de exegese. São Paulo: Cultura Cristã, 2015. 208 p.

WACHHOLZ, Wilhelm. **História e teologia da Reforma**: introdução. São Leopoldo: Sinodal, 2010. 176 p.

WAGNER, Adriana. **Adolescência & comunicação virtual**. São Leopoldo: Sinodal, 2009. 79 p.

WALKER, Wiliston. **História da igreja cristã**. Tradução de Paulo D. Siepierski. São Paulo: ASTE, 2006. 888 p.

WALLACE, D. B. **Greek grammar beyond the basics**: an exegetical syntax of the New Testament. Grand Rapids: Zondervan, 1996. 864 p.

WALTKE, Bruce K. e O'CONNOR, M. **Introdução à síntese do hebraico bíblico**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. 784 p.

WARD, Timothy. **Teologia da revelação**. São Paulo: Vida Nova, 2017. 224 p.

WITHERINGTON III, Ben. **Histórias e histórias do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2005. 262 p.

WON, Paulo. **E Deus falou na língua dos homens**: uma introdução à Bíblia. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. 400 p.